



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**CULTURA VISUAL E CRÍTICA DA ICONOGRAFIA DO
CORPO, NAS ARTES VISUAIS EM CONTEXTO
ESCOLAR**

Autora: Sara Gabriela Barbosa de Pinho

Orientadora: Professora Doutora Judit Vidiella

**Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
Secundário**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Évora, 2014

**CULTURA VISUAL E CRÍTICA DA ICONOGRAFIA DO CORPO,
NAS ARTES VISUAIS EM CONTEXTO ESCOLAR**

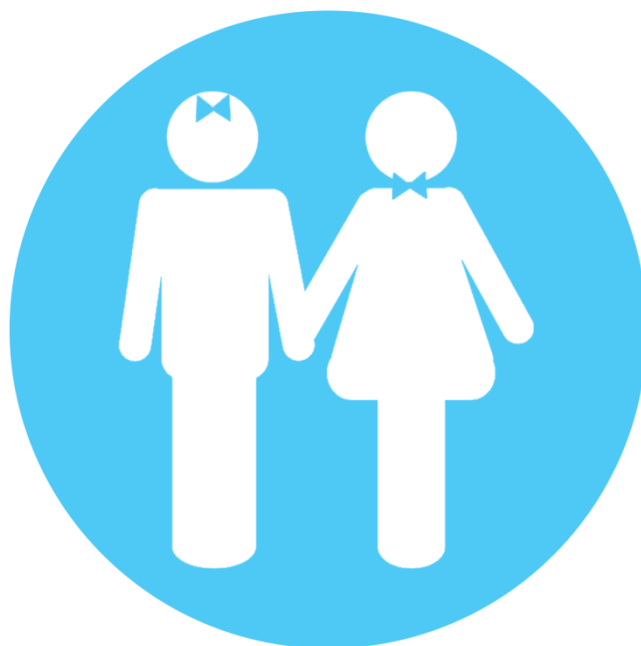
Autora: Sara Gabriela Barbosa de Pinho

Orientadora: Professora Doutora Judit Vidiella

Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Évora, 2014



**CULTURA VISUAL E CRÍTICA DA ICONOGRAFIA DO CORPO,
NAS ARTES VISUAIS EM CONTEXTO ESCOLAR**

Sara Pinho

RESUMO

Cultura Visual e Crítica da Iconografia do Corpo nas Artes Visuais em Contexto Escolar

A presente tese desenvolve o tema Cultura Visual e Crítica da Iconografia do Corpo nas Artes Visuais em Contexto Escolar; análises e reflexões do corpo, como identidade, narrativa cultural, com referências críticas e refletidas sobre o pensamento da identidade, género, sexualidade da cultura visual na nossa sociedade e da educação artística, contribuindo para o enriquecimento pessoal e profissional, enquanto docente do ensino das artes visuais.

A arte está vinculada a comunidade, através da linguagem/ícones visuais, sendo, à imagem do corpo um símbolo da cultura visual.

No âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, pretendendo dar a conhecer os aspetos inerentes à Prática de Ensino Supervisionada (PES), orientada pela professora doutora Judit Vidiella.

Revelo o caminho enquanto docente estagiária, decorrente do ano letivo 2013 | 2014, descrevendo as minhas experiências durante a PES.

Palavras-chave: Educação e Expressão Artística, Corpo, Identidade Visual, Educação Visual, História e Cultura das Artes

ABSTRACT

Visual Culture and Critique of Iconography of the Body in the Visual Arts in School Context

This thesis approaches the topic of Visual Culture and Critique of Iconography of the Body in the Visual Arts in School Context; evaluation and the study of the body, such as identity, cultural narrative, with reviews and references reflected on the thought of identity, gender, sexuality of visual culture in our society and of artistic education, contributing to personal and professional enrichment, for teachers who teach visual arts.

The art is linked to the community through language / visual icons, being, and body image a symbol of visual culture.

This thesis was developed in a Master degree for Teaching Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, intending to raise awareness of the inherent aspects associated with Supervised Teaching Practice (PES), oriented by teacher Dr^a. Judit Vidiella.

I reveal my journey as a teacher intern, developed in the academic year of 2013-2014, by describing my experiences during PES.

Keywords: Education and Artistic Expression, Body, Visual Identity, Visual Education, History and Culture Arts

AGRADECIMENTOS

Agradeço às **mulheres** da minha família pela coragem e pela bravura com que enfrentam a adversidade, vocês são os pilares da minha vida o alicerce que ajuda a construir a pessoa que sou. Vocês são a minha inspiração.

Às minhas **avós**, por todo o auxílio na minha educação, pela transmissão de valores que hoje me guiam, mas acima de tudo pela partilha e pelas histórias que alegram a minha vida.

Aos meus **pais**, pelo apoio incondicional, pela luta, pelo trabalho e sobretudo por estarem ao meu lado nos meus melhores e piores momentos e com firmeza me ajudam a enfrentá-los...Por um futuro melhor.

À minha **irmã** “caçula”, por ser quem é, figura com um sorriso no rosto, amiga, sensata que comigo partilha a sua vida, a sua alma, a sua essência, o seu companheirismo, a ti, meu suporte, meu porto de abrigo.

Às minhas **tias e primas, tios e primos**, que fazem parte desta grande família da qual pertença, com mãos árduas do trabalho que nunca o negaram e pelo sorriso com que encaram a vida nesta eterna viagem até à felicidade.

À **Professora** Doutora Judit Vidiella, minha orientadora de estágio, pela paciência e disponibilidade demonstrada e pela benesse da orientação desta dissertação.

Aos meus **amigos**, aos **docentes** do curso e do estágio, e aos **alunos**, que me acarinharam neste caminho, dedicando o seu tempo e energias para que eu conseguisse alcançar esta meta.

“Em qualquer aventura, o que importa é partir, não é chegar” (Miguel Torga,1999). A todos, um sincero obrigado por quererem fazer parte deste meu caminho.

ÍNDICE GERAL

03	Agradecimentos
04	Resumo
05	Abstract
06	Índice Geral
07	Lista de Abreviaturas & Anexos
08	Índice de Ilustrações
10	Introdução
17	Capítulo I
	♂♀ Cultura Visual e Crítica da Iconografia do Corpo nas Artes Visuais em Contexto Escolar
31	Capítulo II
32	Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada
33	Caracterização do Meio Circundante às Instituições de Intervenção
37	Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada
38	Observação
47	Prática
57	Participação na Escola e Relação com a Comunidade
60	Desenvolvimento Profissional
61	Capítulo III
62	Análise Crítica
63	Considerações Finais e Conclusões
66	Referências Bibliográficas

LISTA DE ABREVIATURAS

CNEB _Curriculum Nacional Ensino Básico

EEBCR _Escola do Ensino Básico Cunha Rivara

ESGP _ Escola Secundária Gabriel Pereira

EV _ Educação Visual

HCA _ História da Cultura e das Artes

MEAVBS _ Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

PES _ Prática de Ensino Supervisionada

ANEXOS

70	Anexo A _ Escola Secundária Gabriel Pereira
107	Anexo B _ Escola de Ensino Básico Cunha Rivara
137	Anexo C _ Desenvolvimento Profissional
140	Anexo D _ Revista Máxima

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

15 01 Branca de Neve | José Rodolfo Loaiza Ontiveros (01-08-2014)

<http://virgula.uol.com.br/diversao/cinema/artista-cria-versoes-vida-loka-de-personagens-da-disney#image1>

15 02 As princesas com Frida Kahlo | José Rodolfo Loaiza Ontiveros (01-08-2014)

<http://virgula.uol.com.br/diversao/cinema/artista-cria-versoes-vida-loka-de-personagens-da-disney#image7>

24 03 Scout Willis | Free the Nipple | 2014 (06-08-2014)

http://www.etcetera.com.mx/articulo/freethenipple,_el_movimiento_que_reprueba_la_censura_a_los_senos_femeninos/26474/

24 04 Cantora Rihanna | Direitos reservados Revista Lui (06-08-2014)

http://www.dn.pt/inicio/pessoas/interior.aspx?content_id=3837208&seccao=ntv

25 05 The Last will be First – Characters | Matthias Seifarth | 2012 (13-05-2014)

<http://matthias-seifarth.com/>

26 06 Madame X | oil on canvas 92"x43" private collection (13-05-2014)

<http://jasonyarmosky.com/>

26 07 Betty Boop | Matthias Seifarth | 2012(13-05-2014)

<http://www.pinterest.com/pin/350014202263061504/>

28 08 Modelo Isabelle Caro No-lita | Oliver Toscani | 2007 (13-12-2013)

<http://www.designboom.com/art/no-anorexia-by-oliviero-toscani-for-nolita/>

35 09 Escola Secundária Gabriel Pereira | Entrada da Escola (20-02-2014)

<http://picasaweb.google.com/101536633146657912174?gsessionid=oESUrY9EnKo0fNO96cPoZA>

35 10 Escola de Ensino Básico Cunha Rivara | Sara Pinho | 2014

39 Gráfico I da Idade 11º I | ESGP

41 Gráfico II Trabalho de Grupo 11º I | ESGP

41 Gráfico II Trabalho de Grupo 8º C | EEBCR

42 11 Sala de Aula Bloco A2

42 12 Sala de Aula Bloco A3

46 13 Sala EV 01

46	14 Sala TIC
48	Cronograma ESGP
49	15 Exercício Lúdico ESGP
52	Cronograma EEBCR
54	16 Questionário da aula 3º Sessão EEBCR
55	17 Questionário da aula 4º Sessão EEBCR
56	18 Exemplos de Trabalho 4º Sessão EEBCR
58	19 Desdobrável Odisseia EEBCR
59	20 Desdobrável Odisseia Completo Verso A e B EEBCR



“A educação de um povo é, simultaneamente, o resumo de tudo o que ele acredita e a fonte de tudo o que ele será...”

Gabriel Compayré, (1999: 6)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi realizada no âmbito da Unidade Curricular PES - Prática de Ensino Supervisionada, sendo este o documento final, que após apresentação pública, antecede a obtenção do grau de Mestre no MEAVBS. O relatório procedeu-se em duas escolas do distrito de Évora, no primeiro semestre na Escola Secundária Gabriela Pereira, com a Co-orientação do Professor Doutor Carlos Guerra, e no decorrer do segundo semestre, na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara, Arraiolos (EB2,3/S) a cargo do Co-orientador Professor Doutor Luís Silva, referente ao ano letivo 2013-2014.

O relatório é composto por três capítulos:

1. O primeiro capítulo contém a investigação de metodologias e pedagogias artísticas.
2. O segundo capítulo conhecimento do contexto, preparação científica, pedagógica e didática, planificação das aulas.
3. Terceiro capítulo: desenvolvimento profissional e conclusões.

O relatório possui ainda anexos referidos a PES.

A investigação centra o conceito e a reflexão da imagem corporal, relacionando-a com a História da Cultura e das Artes, seguindo a definição da palavra Iconologia (eikôn+logia) caracterizada como a «ciência das imagens».

No ciclo da vida existe a fase da puberdade, em que as preocupações dos jovens recaem para a mudanças do corpo, a aparência do corpo é fundamental para as relações interpessoais.

De entre as problemáticas da estética do corpo na adolescência, é preciso combater o incentivo à anorexia, bulimia, alcoolismo e drogas, entre outros. Os adolescentes são influenciados pela publicidade, esta transmite a visão de um padrão do corpo e beleza, a maioria dos jovens seguem como exemplo chegando a prejudicar a própria saúde, como no caso de blogs que estimulam os jovens para o universo anorexia e bulimia (Grupos sociais designados de Ana e Mia). Para isso, é preciso que os jovens tenham bases sólidas na compreensão e no conhecimento do corpo, para a construção da sua identidade individual e coletiva. A educação artística é mediadora entre os adolescentes e a cultura visual, referindo e usando as didáticas da História da cultura e das Artes e da Educação Visual, trabalhando o olhar e pensamento crítico do aluno para a reprodução do corpo, sendo este interpretado de forma sistemática.

O método da iconologia é fundamental para o estudo das obras artísticas sobre o tema.

Existem alguns investigadores, que afirmam que esta definição está ligada com a História da Arte: Bréhier sustenta que a iconografia é a «auxiliar» da História da Arte, o crítico e historiador Panofsky menciona o «ramo da história de arte que se relaciona com o assunto ou significado das obras, em oposição à sua forma». (em Gonçalves, 1990: 22)

Na cronologia da história da arte, verificamos que a figura humana (o corpo) sempre foi representada, existem marcas desde a pré-História, do Antigo Egito, da Antiga Grécia e Roma, da Idade Média, do Renascimento, do Barroco, do Romantismo e dos séculos XX e XXI; cada época retrata o corpo de forma diferente entre si, influenciada pelos fatores da cultura, sociedade, economia, política, filosofia, crenças espirituais, mitológicas, religiosas, ateus e cientologia, das próprias matérias-primas e, do progresso tecnológico.

A primeira marca/obra realizada pelo artista, inicia-se na pré-história, com a crença da característica mágica da figura humana, como objeto através da observação direta com a realidade, sendo que, mesmo assim, o artista possuía liberdade de caracterizar o corpo com deformas, construindo e atribuindo significados, como exemplo, o culto da fecundidade, o exagero dos seios e das nádegas da estatueta de Vénus de Willendorf.

O investigador F. Saxl, sustenta que “*As imagens que exprimem um significado particular no tempo e no lugar em que foram concebidas, uma vez criadas, têm o poder magnético de atrair outras ideias para a sua própria esfera...*” (em Argan, 1995:152).

Na representação de Walter Benjamin (2010) o corpo, esse “grande ausente”, repete-se, nas últimas décadas, um tema a empregar na cultura contemporânea. O corpo torna-se banal, nesta atualidade, a representação do corpo entra até então em contextos de prazer, fetiche, venda comercial como objeto, o corpo, nas campanhas publicitárias e nas obras de arte, serve como meio de comunicação usando uma linguagem não-verbal.

Elizabeth Grosz (1995) adiciona, “os corpos articulam discursos, sem necessariamente falarem, porque são codificados com e como signos. Articulam códigos sociais. Tornam-se intertextualidades, narratividades; simultaneamente incarnam códigos sociais, leis, normas e ideais. Se os corpos são atravessados e

infiltrados por saberes, significações e poder, eles podem igualmente, em determinadas circunstâncias, tornar-se polos de luta e resistência, inscrevendo-se ativamente em práticas sociais.” (em Macedo, Trad. 2003:14). Quebra-se a identidade do corpo, a rigidez da disciplina, do desenho acadêmico (anatomia exata, da observação do real), como a ligação do artista com o modelo, mas, como em todas as épocas, há sempre os cânones de beleza na busca idealizada em busca do corpo perfeito.

Panofsky (1972) estabeleceu um método de estudo para a interpretação da obra de arte, assentando na ideia de que o objetivo não se foca no valor estético, mas sim, no significado da “mensagem”; sendo que a imagem propaga-se numa tradição icónica.

P. Francastel criou um método sociológico, que investiga a relação entre a representação espacial e a cultura de imagem, a experiência visual da sociedade do seu tempo (em Argan, 1995:154-155). O método de leitura das imagens, que concebe recursos de solução para os problemas do imaginário figurativo, tal como aduzem na nossa sociedade os meios comunicacionais.

A arte está vinculada à comunidade, através da linguagem/ícones visuais, sendo, à imagem do corpo um símbolo da cultura visual. Na construção da narrativa visual do corpo, os alunos são constantemente assaltados por imagens, que, conduzem e influenciam às concepções do corpo. O corpo esplendoroso, da beleza primorosa, a busca da perfeição do corpo, leva-nos a reproduzir na arte as perspectivas da cultura que nos procede da realidade visual em que vivemos. O mundo visual bombardeia os alunos com imagens. A arte e a educação artística educam o aluno, a fortalecer a sua percepção visual e a compreender esse mundo, através de uma expressão livre e organizada, permitindo que o aluno se conheça e forme a sua identidade. A educação artística torna-se crucial para o desenvolvimento da percepção, da sensibilidade estética, da criatividade, da expressão, da comunicação, do sentido crítico e social do aluno.

Assim sendo, a projeção de imagens influencia a escola, interfere na observação dos alunos sobre as matérias da aprendizagem.

A abordagem dos cânones do corpo na educação artística numa ótica R. Marin Viadel (1998) refere o método tradicional, este assenta em padrões do desenho clássico, como por exemplo as obras realistas da anatomia do corpo humano do

grande mestre Leonardo da Vinci, como constituindo um trabalho do modelo nu, remetendo para a finalidade do desenho técnico perfeito, da concepção perfeita e real da observação do corpo humano. No caso da banda desenhada que faz parte das novas artes, podemos observar que é representado um corpo com anatomia “perfeita” o corpo delgado na personagem feminina e o corpo homem musculado referente as épocas clássicas, sendo o “herói/guerreiro” da história. Como nas ilustrações dos contos de fadas o vestuário, a decoração leva-nos para o período barroco e rococó, (Bela e o monstro) e preciso proceder a uma nova abordagem mais dinâmica e complexa, de análise das imagens (novas interpretações de imagens do corpo na cultura visual), de a inovação de métodos de expressão como a performance.

A cultura visual é usada como uma nova metodologia na educação artista, o artista mexicano José Rodolfo Loaiza Ontiveros, introduz novas concepções atuais como as “selfies”, proveniente da prática antiga do auto-retrato, utilizando personagens do mundo encantado como no caso da Branca de Neve com um novo visual, que pode ser explorado na reinterpretação do corpo, encaixando os conceitos contemporâneos nas novas tecnologias que nos permitem desenvolver a capacidade expressiva e comunicativa e o pensamento crítico com os alunos na leitura da imagem (Ilustração1).

Desconstruindo os preconceitos e tabus inerentes à vida comunitária, na junção entre ilustrações (narrativas) infantis com a desmoralização/humanização das personagens amadas (celebridades da Disney do mundo imaginário) das nossas histórias de infância, estas desconstroem-se, afastando-se do peso cultural dos contos que inspiraram gerações e que ainda inspiram, camuflando os valores sociais, morais e estéticos da sociedade.

São vários os artistas que laboram como referências da cultura visual como o artista José Ontiveros, Andy Warhol, Banksy e os escritores Lewis Carrol e Anthony Burgess que trabalham a desconstrução de estereótipos culturais. No caso de Ontiveros que explora ícones culturais como Frida Kahlo (Ilustração 2), em versões que abordam questões e valores da cultura contemporânea.



<http://laluzdejesus.com/jose-rodolfo-loaiza-ontiveros-profanity-pop-the-laluzapalooza-jury-winners/>

<http://offmag.blogspot.pt/2014/07/jose-rodolfo-loaiza-ontiveros.html>

Na sala de aula poderemos usar as ilustrações deste artista no domínio do desenvolvimento de competências morais nos alunos através do modelo de educação “Moral Integral de Quintana Cabanas” (1995), este modelo é assente na teoria antinómica na educação parte da inexistência de achar um meio termo (síntese) entre duas oposições básicas: “a educação moral como produto do saber e da reflexão e a educação moral como produto do treino e do hábito. O pedagogo espanhol Cabanas preocupa-se com a conduta moral, adaptando um modelo para as escolas básicas e secundárias, sendo este eficaz na aplicação.

Da metodologia do ensino artístico faz parte, do curriculum escolar do 3º Ciclo e do Secundário, nos programas das disciplinas da Educação Visual e da História da Cultura e das Artes, o desenho do corpo, pretendendo-se que o aluno alcance competências e domínio do “saber”, na compreensão prática e teórica do corpo, refletindo e promovendo a arte. Cabe ao professor transmitir os conhecimentos mas também levantar questões, criar o estímulo do pensamento crítico e visual do que o aluno observa.

Pretende-se que o aluno apresente uma análise crítica e visual sobre o corpo, em várias vertentes artísticas, com o auxílio iconografia do corpo, que estuda e descobre as respostas às questões que levaram à representação do corpo nos diferentes períodos da História da Cultura e da Arte sobre diversas formas usando diferentes técnicas de expressão artísticas.

O tema de investigação surge durante o primeiro semestre enquanto lecionava a disciplina de História da Cultura e das Artes.

Assim como os meus alunos, pertenço e vivo nos séculos XX e XXI e constato que a imagem do corpo humano vem sofrendo alterações ao longo da cronologia dos movimentos artísticos e ao longo do tempo de acordo com os movimentos artísticos, das condicionantes socioculturais e económicas de cada época e século.

O corpo é a imagem visual que representa uma cultura e a sociedade em que este se insere; através do movimento do corpo, do vestuário podemos deduzir certas características culturais nos indivíduos de acordo com cada época desse indivíduo.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,/ muda-se o ser, muda-se a confiança, /todo o mundo é composto de mudança,/ tomando sempre novas qualidades”. (Camões, Soneto 201, 1977: 96)

Como neste soneto, a representação do corpo desde a pré-história vem sendo alterada pois a representação do corpo como arte está sempre em constante mudança, dependendo não só de fatores culturais (meio sócio/económico, familiar, da época em que está inserido), do pensamento (intelecto), mas também das técnicas e dos materiais que surgem em períodos artísticos e que adulteram a forma e a textura exibida pela silhueta.

Os meios de expressão artística são diversificados, vão desde técnicas clássicas às novas técnicas que surgiram da inovação tecnológica (audiovisuais, instalações, 3D, entre outros), que permitem o alargamento do leque de materiais artísticos na sua expressão enquanto obra e artista.

As novas tecnologias enriquecem e possibilitam um maior leque de expressão na arte, neste caso mais propriamente com a Educação visual, os alunos exploram os conceitos do corpo, podendo usar como material de expressão o computador e os audiovisuais como suporte da sua manifestação criativa.

É essencial que os alunos percebam e estejam conscientes de que existem diversas formas de conceptualizar o corpo e as suas representações. A educação artística e o professor são o ponto de partida para alargar o campo de “visão” do aluno. Considero que é deveras importante o conhecimento de narrativas controversas para a análise de questões problemáticas, já que a interpretação do corpo em trabalhos é, por vezes, o espelho da identidade do aluno assim como da sociedade em que se encontra inserido.



“ Quando escrevo ‘**o corpo**’ não vejo nada em particular. Escrever ‘**o meu corpo**’ faz-me mergulhar numa experiência vivida, numa particularidade: vejo cicatrizes, desfigurações, descolorações, males, perdas, assim como coisas que me agradam.”

Adrienne Rich, (2003:14)

ICONOGRAFIA

A terminologia da palavra iconografia nasce no século XVIII. Nesse século destacam-se dois movimentos artísticos, o Barroco, que vai do início secular até meados do século ao seu meado, seguindo-se-lhe, na segunda metade, o Romantismo.

A identificação de imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente referido como «iconografia».

Esta ciência é um elemento crucial da história de arte, contém a seu cargo a finalidade do estudo e da interpretação das representações de figuras de ordem individual ou simbólica, religiosas ou seculares, de um modo generalista, isto é, a iconografia é um campo da arte da representação por meio de quadros e imagens, com a possibilidade de terem um significado simbólico ou real.

A iconografia revelou-se um método essencial para a investigação académica, prestando o seu apoio à exploração do pensamento, dando origem a uma determinada convenção de representação quando a convenção se carrega do valor do símbolo.

Os símbolos são o resultado do uso e da perceção comum, visíveis na experiência cultural ou religiosa. A área da história de arte está recheada de figuras que introduziram a iconografia na sua investigação como historiadores (Émile Mâle, Aby Warburg e Erwin Panofsky), todas elas conhecedoras das variadas formas de arte e escritoras de obras onde poderemos ler a e sobre a arte da representação iconográfica.

A conexão ambígua entre a arte, artista e observador é uma verdade da realidade. O observador, neste caso o aluno, reúne informação da cultura visual para interpretar o ícone das imagens. Entra a iconografia, uma técnica de análise ou leitura das imagens, que procede da palavra ícone, aquilo que representa algo ou uma figura simbólica.

“Por outros termos, quer fiquemos a olhar para um ícone bizantino, quer para uma pintura de género holandesa do século XVII, para a Pop Art, para uma fotografia ou uma animação de computador, a interação entre observador e objeto é que dá significado à arte e decide de que maneira o visual é lido” (Arnold, 2006:112).

O período artístico, da segunda metade do século XX até aos dias de hoje, dá-se pelo nome de arte contemporânea, com os movimentos desta época que são, entre outros, Op Art, Vídeo Arte, Happening, Fluxus, Pop Art, Expressionismo Abstrato, Arte Conceptual, Minimalismo, Body Art, Fotorrealismo, Street Art, com base da cultura

grafiti (arte de rua). No século XX quebra-se e questiona-se as bases antigas da arte tradicional, gerando um novo paradigma de cultura e sociedade, desmoronando tudo que fosse tradição. A iconografia centra-se na arte moderna e da vanguarda modernista, aparecendo no processo criativo uma grande variedade de temáticas, estilos, práticas e tecnologias antes desconhecidas e não aceites até ao momento. Trata-se de reconciliar a heterogeneidade da expressão individual com a desordem universal, dando ao criador a liberdade conquistada, expondo-se a perigosas provas cujos riscos e perigos, através da sua audácia, lhe permitem afrontar.

Podemos conceber aulas, com um plano pedagógico de obras ou temáticas que se situam no nosso quotidiano, sendo o corpo o tema referenciado por ser e estar mais comum e próximo a todos os alunos, podendo construir narrativas através de simples movimentos do corpo humano.

Charréu (2003) refere, “A Cultura Visual contemporânea, considerada então “formalmente” como nova área de estudos transdisciplinares vai, portanto, para além das formas de arte visual erudita (Kerry Freedman, 2003; Hernández, 2003, 2007; Duncum, 2006 etc.). Sublinhe-se, todavia, que estas não são completamente desvalorizadas. A intencionalidade programática da obra de um número importante de artistas contemporâneos fundamenta-se nas manifestações quotidianas da realidade, aquela que circunscreve a gigantesca ionosfera global onde todos vivemos imersos: os alunos, as suas famílias e os seus professores”.

Podemos usar a iconografia na leitura/escrita de imagens nas aulas de educação artística, proporcionando nos alunos um novo universo saindo do método tradicional, estimulando tanto os alunos como o professor e renovando a sua metodologia de aprendizagem. Neste processo o aluno torna-se ativo e participativo, sendo ele construtor do seu próprio conhecimento, desmistificando as aulas de HCA como sendo chatas, aborrecidas. Assim, a iconografia é a chave para o funcionamento da didática auxiliando o professor, enriquecendo o desenvolvimento do raciocínio e do pensamento crítico dos alunos numa abordagem simples e direta que ajuda na memorização da matéria, em que as imagens/gráficos/esquemas são formas que ilustração do mundo imaginário.

Como já referi anteriormente a iconografia abrange diversas áreas das artes, que podem ser recursos didáticos cheios de história que precisam de ser interpretados. O aluno recebe influências visuais construindo uma linguagem/comunicação visual que

o ajuda a interligar as imagens da HCA com os textos visuais, construindo uma narrativa e uma interpretação da imagem que analisa. O professor deve trazer uma reflexão para a sala de aulas de acontecimentos do quotidiano para que os alunos compreendam melhor a matéria.

Segundo o Currículo Oficial da Educação Artística, e na perspectiva do pedagogo R. Marín Viadel (1998) nos modelos ensino aprendizagem destaque duas vertentes para o ramo da HCA;

- O modelo Académico – Evidencia o conhecimento, elevando a reprodução figurativa da realidade, pela tradicional cópia da natureza, particularmente pela propriedade do desenho natural, da representação pela ótica da extensão e estudo das melhores obras de arte do passado.
- O modelo Bauhaus – Destaque para a sensibilidade, afrontando as artes visuais como uma linguagem com um léxico gráfico e sintaxe visual. Considera que a conexão entre as qualidades expressivas e cada um dos elementos básicos do sistema da plástica é fundamental para a formação do artista.

Dois modelos diferentes claramente divergentes mas que sustentam um princípio de aprendizagem com características próprias, requerendo um espaço adequado ao ensino.

Elliot W. Eisner, (2004) fundador do modelo DBAE em 1980 – Discipline, Based Art Education (Arte- Educação Baseada na Disciplina) o processo foca-se na arte.

Um dos objetivos da DBAE é igualar a educação da arte às outras disciplinas académicas. Defende que a arte deve ser ensinada por docentes profissionalizados, e que esta seja englobada para todos os alunos, não sendo restrita apenas para aqueles que tenham a aptidão para a arte.

São muitos os pedagogos da área da educação artística que trabalham com esta metodologia, que tem como objetivo e finalidade desenvolver a capacidade de interpretação, assimilação, e análise de arte e divide-se em quatro grandes áreas: produção de arte, crítica de arte, história da arte e estética, incrementado no currículo da disciplina da História da Cultura e das Artes. O corpo interage em todos os sentidos, provocando explosão de debates, que abrem portas para a compreensão da sociedade atual. De mente aberta é necessário investigar, estudar o corpo para desenvolver nos alunos está máxima, criando adolescentes com cérebros pensantes, que pensem por si mesmos, autónomos pois a liberdade está na educação, como seres pesantes que somos. A educação artística é um instrumento que ajuda os jovens a criarem a sua autonomia, o seu pensamento e a sua criatividade.

Os adolescentes são os motores do futuro, da progressão dos valores da sociedade. Com o conhecimento da sua identidade, os jovens podem construir as suas próprias narrativas, podendo apresentá-las com o amparo das performances, vídeo art, happenings, entre outros, acrescentando novos conceitos.

Os estudos da cultura visual ajudam a que o aluno construa uma narrativa crítica da imagem, através do seu conhecimento académico/prático e das suas experiências pessoais.

O estudo da cultura visual concilia-se com outras disciplinas como a história da arte, estudos culturais e antropologia, focando-se em aspetos da cultura que se auxiliam de imagens, é uma prática pedagógica, crítica e interrogadora.

À Cultura Visual associa-se as intervenções artísticas que rejeitam a ideia de prosseguir as investigações burocráticas e concetuais de uma suposta “arte pela arte”, no campo transcende e inesgotável, argumenta contra as proteção das derivas sociais, provavelmente portadoras de contaminação de uma explosão criativa individual, que tem se de protegida a toda a força, mas por outro lado representa os valores culturais.

As obras dos artistas são influenciadas pelas áreas sociais e políticas, só podem ser decifradas a partir do prisma transversal, onde as manifestações culturais são idênticas: na obra artística, a criatividade, a forma, a expressão e a tecnologia intercetam-se com as políticas e as económico-sociais.

A metodologia de educar a partir da Cultura Visual e da sua interpretação crítica requer que o pedagogo contemporâneo, em particular, um docente de artes visuais explore o campo da influências da cultura nas artes, exige a um educador a erudição ampliada na área das visualidades, pesquisando, no meio social circundante, imagens que julga serem mais eficientes de conduzirem os conteúdos fundamentais para uma educação mais fidedigna e alternativa dos jovens.

A referência de Lyotard (1989:12) pertence a conjuntura do ensino dos anos 50-60-70 “para as práticas quotidianas, razão pela qual a universidade tradicional e conservadora tem tido dificuldade em lidar com esta “ousadia”. Para os Estudos Culturais a cultura não é tanto considerada como um conjunto de obras musealizadas, mas antes como um conjunto de práticas”.

Nos dias de hoje as Universidades, trabalham com o estudo da cultura visual como no caso da Universidade de Évora em seminários, workshops, oficinas de ciências sociais (Identidade e Desafios).

A cultura visual é um campo de estudos que aborda processos da visualidade contemporânea e suas inter-relações com a Educação, investiga categorias de género

e sexualidade como sendo tradicional e culturalmente contingentes e qualquer meio que transporta ou que é formado por uma componente visual é decisivo para a construção da cultura visual contemporânea.

Barnard (2001) menciona duas perspectivas para identificar a cultura visual: “A primeira enfatiza o visual e trata de normalizar e prescrever seus objetos de estudo como sendo a arte, o design, as expressões faciais, a moda, a tatuagem entre outros. Seguindo a segunda perspectiva que toma a cultura como traço definidor do estudo, e portanto se refere a valores e identidades construídos e comunicados pela cultura via mediação visual, como também à natureza conflituosa desse visual devido aos seus mecanismos de inclusão e exclusão de processos identitários”.

A iconografia também retrata e investiga termos educativos interligados com a Cultura Visual, estando ligada a manifestações de Identidade, gênero, problemas socioeconômicos, de violência, ambientais entre outros. Podemos intervir na sala de aulas, nas escolas através da iconografia no seu processo de pesquisa-aprendizagem, desenvolvendo no aluno o seu lado mais crítico e reflexivo da sua própria cultura. Devemos explorar ações/atividades lúdicas que produzam efeitos na construção da sua identidade, o aluno não deve ser um indivíduo passivo na sua sociedade, deve ser capaz de sair da sua zona de conforto e questionar sobre o universo cultural: a nossa visão de como observamos a nudez e o desejo sexual veio alterando a sua composição visual e narrativa, construindo novos contextos e juízos estéticos e morais da sociedade, originando combinações modernas e chocantes com a expressão irreverente de narrativas visuais de imagens, publicadas através dos novos meios comunicacionais.

A sociedade e os seus tabus - ao longo dos séculos, vemos e lemos que a nossa sociedade está a mudar o pensamento, a construir juízos de valor mais abertos em relação à expressão artística do corpo. Mas não é bem assim. Ao ler um artigo da revista Máxima do mês de agosto de 2014 (Anexo D), escrito por Catarina Parkison, deparo-me com a questão da exposição do mamilo feminino nas redes sociais. O artigo refere um movimento # Freethenipple, que invadiu as redes sociais, o ponto de partida desta campanha está numa imagem de Scout Willis, na sequência de uma foto publicada, em que vestia uma camisola estampada com duas mulheres em topless. Esta polémica deu-se com o fato do Instagram, rede social, fechar a sua conta por causa desta exposição. Ao deparar-se com esta situação, Scout, depressa apresentou a sua revolta noutra rede social, Twitter, expondo a situação, no seu caminho para a resolução da problemática do porquê de fecharem a sua conta? Levantou questões da dupla política de padrão na forma do procedimento e da exposição da nudez no

Instagram. Como forma de protesto, chegou mesmo a passear pelas ruas de Nova Iorque em topless, na sua rotina diária, (Ilustração 3). Estes momentos foram capturados e expostos pela própria no Twitter citando; “legal em Nova Iorque, mas ilegal no Instagram” assim como “O que o Instagram não o deixa ver”.

A resposta chegou pelos representantes da rede social, Parkison (2014) “o site apoia e encoraja a expressão artística individual de todos os seus utilizadores mas, no caso de repetidas violações das políticas do site, a empresa não tem outra escolha a não ser terminar a conta em questão”

O resultado deste apelo mediato, conduziu a que o Instagram reativasse a conta da jovem, mas esta manteve a sua campanha delatando situações de evidentes desigualdades: podemos presenciar em fotografias a figura da mulher com uma conotação sexual intensa, que a transforma em objeto **mas não revelando os mamilos**, em oposição, encontramos fotografias de homens em tronco nu, a transitar imune nas redes sociais, ao passo que imagens de mães a amamentar os filhos, de mulheres lutadoras e sobreviventes de cancro da mama são motivo de repreensões. A campanha obteve mediatismo, expandiu-se e são muitas as figuras públicas e familiares que se lhe juntam como no caso da atriz Rumer Willis sua irmã a atriz Lina Esco a cantora Rihanna, (Ilustração 4)

Face à admiração da relação sexual das imagens do corpo feminino, nos meios da comunicação social, a atriz Esco menciona: “Podem existir imagens de conteúdo abertamente sexual no Facebook ou no Instagram, mas com o mamilo tapado, coberto. Isto não apresenta qualquer problema, mesmo que as mulheres estejam a ser denegridas na sua imagem. Mas a partir do momento em que mostra a auréola, é ilegal” (em Máxima. Parkison, C. 2014: 54-55).

Na ênfase desta luta feminista, Lina Esco trabalha na recolha de fundos para produzirem o filme “Libertem o Mamilo/Free the Nipple” de 2012. O filme pretende lançar reflexões sobre a temática do topless, levanta questões sobre as leis do topless, que é legal em 13 Estados dos Estados Unidos e a hipocrisia existente em volta do mamilo e da nudez nas imagens da comunicação social: quebrando o conceito erótico/objeto de prazer do corpo feminino, revelar ao mundo que pele é pele, que o ser humano é uma pessoa, tanto faz que seja o corpo feminino ou o masculino, impondo a batalha da igualdade dos sexos com os mesmos direitos.



Berger (1972) afirma: «os homens agem e as mulheres estão presentes».

As mulheres sempre foram consideradas inferiores aos homens, estes ocuparam o espaço em todas as frentes, nas vertentes socioeconómicas, políticas, e religiosas, a figura dos homens brilha no universo como conquistadora do mundo, deixando na sombra a mulher, só na entrada do século XX, é que a mulher começou a ter uma pequena brecha na sociedade, a ser reconhecida e a obter alguns direitos iguais aos dos homens.

Mas podemos comprovar que a figura feminina esteve em destaque na arte: analisando a cronologia da HCA encontramos milhares de obras das diversas áreas (pintura, desenho, escultura) onde o tema central é a mulher e o corpo feminino. As melhores obras de arte e as mais valiosas contêm a imagem do sexo feminino, esta é fulcral na origem das várias representações de expressões artísticas.

O século XXI gerou novas formas de expressão com os novos meios comunicação, que difundiu a arte a todo país e ao mundo, sendo de fácil acesso e de baixo custo aceder às obras e aos meios de expressão artística, cultural e social.

Assim sendo, consentiu que a luta feminista tivesse mais poder para divulgar os seus conceitos, o movimento gritou e continua a gritar ao mundo que os dois sexos devem ser zelados do mesmo modo. Se é consentido aos homens andarem em tronco nu nas redes sociais, possuindo a liberdade de escolha, essa opção deveria estender-se ao sexo feminino. As imagens não deveriam ser subjugadas pelo sexo.

O crítico de arte, John Berger (1972) sustenta que o semblante social da mulher «é diferente em género do de um homem. A presença do homem depende da promessa de poder que ele personifica... o poder prometido pode ser moral, físico, temperamental, económico, social, sexual ...» (Berger John.1972: 45-46-109).

Na sociedade atual, as mulheres continuam a permitir a sucessão histórica do domínio machista? As mulheres do século XXI lutam e não consentem esse despotismo de ideologias anacrónicas, mas as estruturas sociais são opressivas. O sexo feminino está vinculado aos trabalhos domésticos, assim como cuidar da família que viva sob o

mesmo teto desde os filhos, marido, à sogra e aos avós.

A mulher ganha peso no papel social, mas ainda não possui o poder da imagem na sociedade, existem mentes/valores que condicionam o seu papel e que interpretam a mulher como objeto de prazer, doméstico, etc.

O mundo da moda é criado por cânones de beleza e estereótipos, cada vez mais este mundo está longe do dos “comuns mortais”.

Isto é, existem regras de beleza, peso, altura, a sociedade não questiona estes critérios de beleza que estão incorporados na nossa sociedade, assim sendo, os jovens da nossa cultura vivem condicionados por estes cânones de beleza e são muitos os jovens que chegam a ir ao extremos a procura desta “**beleza perfeita**”.

É importante trabalhar e construir narrativas críticas visuais com os jovens através de imagens do seu quotidiano, publicidade, grafitis, entre outros para que os adolescentes possam ter referências fortalecidas para desenvolver a sua individualidade e aceitar a forma do seu corpo, libertando-se dos complexos inerentes **às problemáticas das diversas fases da puberdade.**

Ilustrações :5: The Last will be First – Characters | Matthias Seifarth | 2012



“Abordar a educação das artes visuais que não passa pela identificação pura e simples mas que vai além de uma conceção espontânea de aprender e do essencialismo estético.

...estabelecimento de relações entre imagens e seus contextos de produção...”
(Franz, 2003:11).

Analisando as representações contemporâneas do corpo, estas são representações que desafiam os limites do indivíduo, que o revelam como matéria sujeita à experimentação. Verdadeiro campo e processo criador da obra, muito além dos sintomas físicos, o corpo encarna a resistência da própria razão. Em consequência, o ato criador termina por aparecer como expressão da perfeita purificação desse corpo.



O conceito do envelhecimento é raramente retratado nas artes, são escassos os debates acerca desta temática, é preciso discutir e levantar questões: o porquê de não haver **silhuetas/corpos idosos(os)** nas áreas artísticas, e tão pouco na publicidade, nos curtos momentos que aparecem retratam a venda para produtos essenciais para os seus funcionamentos físicos, mostram sempre só o rosto, nunca aparecem com o corpo despido, a beleza está só na estética do corpo? Os artistas Jason Bard Yaromosky (recorre às memórias de entes queridos, Ilustração6) e Mathias Seifarth (inspiração do quotidiano, figuras de filmes e banda desenhada, refletindo características físicas que nos distinguem uns dos outros enquanto adolescentes e não só, Ilustrações 5 e 7), descontextualiza o conceito, com trabalhos que expõe o equilíbrio beleza com a representação sensual centrando-se na ternura, da sabedoria adquirida das vivências das personagens representadas. A beleza está no olhar de quem observa, são os recetores que determinam esteticamente o feio e o belo.

Representação da derradeira fase do ciclo da vida humana. As obras refletem um olhar doce sobre a eterna beleza. O esteio da pulcritude são às memórias, às histórias, a alma rica que as pessoas idosas contêm através da sua longevidade de vida. O realce da obra é a exploração dos elementos físicos e psicológicos do envelhecimento, a representação perfeita do “realismo” dos traços do tempo que marcam o corpo das personagens representadas (marcas da idade avançada).

No curriculum nacional de educação básica, a *disciplina de Educação Visual* tem como objetivo prioritário desenvolver o poder de discriminação em

relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente, são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade da Educação Visual como educação do olhar e do ver. O ensino artístico não pode deixar de figurar como componente essencial nos programas escolares nos vários graus de ensino, pois é abrangente e vital no desenvolvimento psicológico, afetivo e social dos nossos alunos.

No programa oficial da disciplina de história da cultura e das artes, o aluno do ensino secundário deverá desenvolver competências sendo elas: *“Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano”.*

Wolf menciona, «por que é que a ordem social sente a necessidade de se defender, elidindo as mulheres reais, as nossas faces e corpos e reduzir o significado das mulheres a estas imagens da beleza reproduzidas interminavelmente e formulares» (Wolf, N. 1992:18).

A publicidade é projetada para o olhar masculino, por isso no início do século XIX as “pin-up girls”, que ilustravam e fantasiavam corpos feminino, como saudáveis, asseados, ligados a sexualidade, erotismo, fetiche. Nos dias de hoje podemos observar esses desenhos noutros contextos como nas tatuagens. (em Ribeiro, 2003: 131)

As imagens do corpo da mulher na publicidade constroem uma visualidade da cultura e da sociedade. A aparência visual do corpo é para ser apetecida tanto pelo homem como pela mulher ao querer corresponder aos padrões da sociedade e criar a atração física e desejo do olhar do sexo oposto.

Capitua, Letra – Luas

“...Rendilhados dos corpos enrodilhados, faço de estrela mas a luz não é minha e finjo sê-la para não estar sozinha, sou imperfeita mas sei ser divina, sou diva, sou livre, sou Vénus, felina, mulher vivida, mulher da vida, ativa sou tida por ser mulher fina, só sei ser rainha, menos não posso, há tantas estrelas e eu brilho sem esforço... e todos para me verem vão levantar o pescoço...”



A época contemporânea é recheada de informação e bombardeada com imagens, assim sendo, a arte contemporânea sofre uma enorme influência na sua cultura com a sociedade visual, as representações artísticas são o espelho do período histórico que representam.

A sociedade, assim como a arte, são o reflexo das mensagens compostas por textos e imagens que constituem uma linguagem visual do período contemporâneo/século XXI carregada de sentido crítico, humor, ironia, amor, entre outros.

O poder visual da imagem lança a sociedade para um consumo exaustivo do público-alvo, que não consegue refletir sobre os problemas das sociedades, sobre as marcas que usam e abusam dos média e dos meios publicitários (cartazes, anúncios, folhetos/paneis informativos, logótipos, revistas, jornais) do marketing e da internet (redes sociais e e-mails).

O ambiente visual nos dias de hoje é experienciado/vivido globalmente, o mundo é uma imagem visual, é um fenómeno que consegue levar a linguagem visual a um patamar universal através das novas plataformas tecnológicas. Os habitantes das cidades do mundo, assim como o design, não conseguem ter uma consciência neutra, os designers/publicitários/marktiers estão encarregues de moldar a cultura.

No campo de ação da Arte/Educação, a arte dilui-se, não sabendo mais separar com afirmação exata o domínio do mundo artístico do domínio do quotidiano dos Homens/Mulheres.

Sendo assim, a Educação Artística é uma disciplina vocacionada para orientar o aluno com exercícios, treinando a visão, educando o seu olhar em relação às imagens que fazem parte do seu quotidiano. Nesta circunstância, instalam-se com relevância as tecnologias da informação e comunicação (TICs), os novos instrumentos

que permitem aceder e produzir conhecimentos através de pesquisas e recolha de informação e a formação é globalizada facilitando a partilha do conhecimento e de imagens do mundo.

As imagens produzem múltiplos significados que são produzidos em contextos culturais (temporais e espaciais) singulares. No formato, "*as imagens são 'narrativas visuais', abertas e sujeitas às múltiplas leituras por aqueles que estabelecem diálogos com elas*" (Cunha, 2006: 30).

O psicólogo americano Vance Packard (1956), conclui "que a publicidade não se resumia a comunicar informações sobre produtos, mas se servia abundantemente de estratégias psicológicas para seduzir o leitor/público-alvo a acreditar na mensagem."

Para questionar as conexões de conceitos de género com as ideologias sociais, económicas e políticas é preciso refletir sobre "às maneiras como as sociedades representam o género, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido não há experiência; sem processo de significação não há sentido" (Scott, 1995: 82).

John Berger (1972) "Ver precede as palavras. A criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar". O desenho, as formas, as linhas da imagem, dá origem a leituras de imagens é a primeira linguagem do ser humano, assim sendo, o primeiro olhar, é formado por objetos e imagens da nossa cultura.

A arte contemporânea centra-se na perceção do sentido da visão. Faz parte do ser humano, segundo o investigador Mehrabian (1967) o ser humano utiliza 55% da linguagem não-verbal, assim, a linguagem verbal é composta por 38% na voz e 7% apenas para as palavras.

A educação artística relacionada com a publicidade, no manual escolar nos programas do 3ºCiclo e Básico e no Secundário, propôs aos alunos a análise de uma publicidade da Benetton do artista/fotógrafo Toscani num ensaio em que resgata temáticas sóciohistóricas e questões de etnia e de escravidão, associados à cor negra da pele. Pela expressão através da representação de um acontecimento histórico do passado do conhecimento do fotógrafo, conseguimos analisar, refletir e discutir acerca dos significados, reintegrando temas do passado num contexto atual, produzindo narrativas, elaborando uma representação do passado com uma nova perspetiva visual. A leitura visual da imagem não deve ser lida como um reflexo ou cópia da realidade da sociedade, pois as imagens são compostas por uma construção e reconstrução de elementos, devemos ir sempre ao fundo das questões e dos

significados, nunca acreditar só naquilo que observamos, que nos é mostrado, é esta a regra de ação do pesquisador.

Hernandez afirma, que não existem leitores e recetores de imagens, mas sim, construtores e tradutores, na medida em que a aproximação é ativa e interativa com as vivências do individuo no seu cotidiano. É relevante observar que "as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento" (em Sardelich, 2006: 459).

Com o método de investigação e pesquisa procuramos precisamente compreender o que está entre uma imagem e outra, e entender que os elementos exibidos são apenas fragmentos que nos levam a um sentido mais profundo. Os momentos históricos ocorridos no período da elaboração da publicidade são um acontecimento marcado por profundas renovações da realidade da sociedade que possivelmente influencia na produção das imagens.



“Se quiseres fazer planos para um ano, planta uma semente.
Se quiseres fazer planos para dez anos, planta uma árvore.
Se quiseres fazer planos para cem anos, educa um homem.”

Provérbio Chinês, 500 A.C. (1990:19)

Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A PES desenrola-se em duas escolas; Escola Secundária Gabriel Pereira e a Escola do Ensino Básico da Cunha Rivara referentes ao concelho de Évora que estabelecem protocolos com a Universidade de Évora e com a orientadora e cooperantes que preenchem os requisitos estatuidos no artigo 19º do referido no Decreto de lei, contendo dois grupos de três elementos do MEAVBS simultaneamente nos dois níveis de ensino, referido anteriormente, com a duração de oito meses, repartidos em quatro meses para cada agrupamento, seguindo os semestres do mestrado, distribuidos por dois ciclos de ensino, ocorrendo em duas turmas do décimo primeiro e o oitavo ano.

Este capítulo, inclui subcapítulos que descrevem o meio circundante das instituições escolares, assim como, as suas infraestruturas e as turmas. Sucessivamente, é referenciado o prisma educativo e métodos de ensino, nos peculiares modelos de ensino artístico. São narradas a disposição das aulas, exibindo alguns processos utilizados na orientação das aulas, o impacto sobre os alunos e avaliação das suas aprendizagens.

No dia 2 e 3 de Outubro de 2013, o primeiro contato com as escolas e com os coorientadores, as primeiras reuniões com os docentes e os meus colegas estagiários. O professor cooperante Dr. Carlos Guerra fez-nos uma exposição sobre as disciplinas que lecionava e uma breve caracterização das turmas, assim como uma apresentação da escola.

Nesta reunião o objetivo era repartir as docentes estagiárias pelo horário do docente assim como das duas turmas, o docente deu-nos à escolha as disciplinas a lecionar.

Pensei qual seria o maior desafio para mim enquanto futura docente, optei pela disciplina de História da Cultura e das Artes, era estimulante ter de lembrar, esfolhear novamente os meus livros académicos da disciplina que já não tinha contacto desde o 12º Ano do curso de design de comunicação.

Com o professor cooperante Dr. Luís Silva, a reunião deu-se na própria sala destacada para a prática da disciplina de Educação Visual, apresentado o funcionamento e programação da disciplina e das turmas o horário, uma pequena introdução ao tema projeto educativo delineado pela escola, para findar a reunião realizamos uma vista guiada pela instituição como tinha ocorrido na ESGP.

Caracterização do Meio Circundante às Instituições de Intervenção

Ilustração :8: ESGP, no site da instituição



Ilustração :9: EEBCR , pela autora, 2014



A PES neste presente relatório ocorre em duas instituições escolares de ensino público, a Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP), em Évora e a Escola do Ensino Básico Cunha Rivara (EEBCR), em Arraiolos, devido ao fato de não existir o 3º ciclo na ESGP e da EEBCR não possuir o curso científico-humanístico de artes visuais. A prática pedagógica requer um conhecimento global das instituições escolares referentes a presença da PES, o conhecimento das características e história das instituições vão permitir uma adaptação simplificada ao processo de ensino-aprendizagem, assim, como da comunidade que ela está introduzida.

A **estrutura física** como o **meio envolvente** destas duas instituições escolares é heterogénea, não só pela sua composição arquitetónica como pelo seu meio.

As duas instituições escolares pertencem ao distrito de Évora: a ESGP está localizada numa zona urbana, junto ao centro de Évora, enquanto a EEBCR se situa num meio rural, a mais ou menos 30 quilómetros da cidade distrital. As duas têm espaços adequados às práticas pedagógicas, em edifícios de construções recentes. A ESGP é um em estilo Bauhaus (europeu) de linhas retas e simples sem grande aparato visual, com pouco uso de cores e, quando o faz, são cores sólidas como o vermelho e o azul nos espaços partilhados. O edifício é dividido por em quatro blocos. O edifício

da EEBCR é um todo, faz lembrar o estilo e as linhas do museu Solomon R. Guggenheim, do arquiteto Frank Lloyd Wright (americano), quando entramos dentro do edifício parece que entramos na atmosfera de um museu contemporâneo.

Évora, cidade localizada no alto Alentejo – sendo considerada o coração deste, é sede de concelho e distrito, sendo considerada “ Cidade Museu” de Portugal. É testemunha de diversos estilos e correntes estéticas, sendo dotada de várias obras de arte, tendo sido classificada em 1986, como Património Comum da Humanidade, sendo marcada pela sua beleza, simplicidade e fortes antecedentes históricos. Com uma área de mais ou menos 1309 KM2 e uma população de 50.000 habitantes, contrariando o que acontece na restante parte do Alentejo, esta tem sabido manter o crescimento, prosperidade e bem-estar dos seus cidadãos. Profissionalmente predomina o sector terciário (área administrativa, comércio, artesanato e turismo).

Neste momento, é uma cidade caracterizada por um crescimento de informação prestado pelas modernas tecnologias, tendo conseguido manter com a sua dinâmica sócio/económica, cultural e educacional, os padrões de crescimento.

Foi em Évora, no ano de 1559, que foi criada a segunda Universidade em Portugal, pelo então Arcebispo de Évora “ Cardeal D. Henrique “, que mais tarde veio a ser rei de Portugal.

Durante os dois séc. de existência revelou-se com grande prestígio e a ela estiveram ligados nomes relevantes da cultura portuguesa e espanhola, tem como lema “ Honesto Estudo, Com Longa Experiência Misturado”, sempre aberta a novos espíritos científicos, por isso a escola não deve ser um local estático, mas sim elástico, onde todos devemos estar numa constante aprendizagem, não ficando alheio aos novos ideais e tecnologias.

A Escola Secundária Gabriel Pereira foi fundada em 17 de Setembro de 1914, tendo sofrido várias alterações durante todo o seu percurso. Esta começou por chamar-se Escola Industrial da Casa Pia de Évora; em 1919 em memória do seu Patrono, alterou a sua designação para Gabriel Pereira; em 1948 renovou o seu nome para Escola Industrial e Comércio de Évora, tendo funcionado no Colégio Espírito Santo até ao ano de 1950. Do ano letivo de 1951/52 até 1970 passou a operar no Convento Santa Clara. Foi no ano letivo de 1970/71 que esta foi transferida para um edifício de raiz, mandado construir pela Direção Geral das Construções Escolares, permanecendo neste espaço até aos dias de hoje. Foi-lhe restituído o nome de Gabriel

Pereira no ano de 1979, pela portaria 608 de 22 de Novembro, que se manteve até à data atual.

Em 2008 integrou a primeira (1ª) Fase do Programa Modernização das Escolas Secundárias, com uma nova dinâmica e modernização, adaptada aos novos espaços físicos: é conhecida pela sua qualificação técnica que insiste conservar. Desde o 25 de Abril de 1974 ministra os cursos das áreas técnicas, mais tarde designados por Cursos Técnico profissionais, profissionais e tecnológicos e, presentemente por Profissionais.

O complexo escolar é composto por quatro pavilhões, que entretanto foram modernizados. Cada Pavilhão usufrui de salas de aulas e salas de trabalho destinadas aos docentes dos diferentes Departamentos Curriculares. No r/chão do pavilhão A3 situam-se as salas reservadas às áreas das artes: três salas de desenho e uma oficina de artes que possui laboratório de fotografia, ainda por equipar, e um espaço destinado a cerâmica. O aspeto visual das salas é limpo e consistente, boas condições para a lecionação das disciplinas em causa.

O concelho de **Arraiolos**, fica situado em grande parte na bacia hidrográfica do Tejo, sendo portador de uma riqueza paisagística e de um vasto património histórico. É composto por uma área geográfica de mais ou menos 684 Km² e de 7.352 habitantes, segundo os censos de 2011.

Arraiolos teve o seu primeiro foral em 1290, dado pelo rei D. Dinis, tendo também mandado edificar o castelo em 1305. Nuno Álvares Pereira, foi o segundo conde de Arraiolos a partir de 1387, face ao feito histórico da batalha de Aljubarrota, até à data do seu refúgio para o convento do Carmo em Lisboa.

Segundo vários historiadores, a fundação de Arraiolos remonta ao séc. II a C., sendo atribuída aos povos Sabinos, Tusculanos e Albanos, tendo o seu nome derivado do Governador Grego Rayeo ou Rayo, que destas terras foi senhor. Posteriormente, por sucessivas transformações, viria a dar “ Rayolo “ e “ Arrayollos”.

Os tapetes de Arraiolos, neste momento, são um pólo turístico e uma das principais áreas de empregabilidade, sendo talvez a chave de ouro do Concelho, mas a sua história remonta aos finais do séc. XV, por mandato do rei D. Manuel, que mandou expulsar várias famílias mouriscas de Lisboa, as quais, a caminho do norte de África e sul de Espanha, acabaram por se fixarem nestas terras alentejanas, sendo a mão-de-obra primitiva exclusivamente feminino, de senhoras chamadas bordadeiras; os primeiros motivos que aparecem reproduzidos são de arabescos de origem persa.

Uma das necessidades básicas, a par do crescimento sócio/cultural deste povo

encontra-se a educação – ensino público onde se encontra integrada a escola Cunha Rivara. Escola de Arraiolos – foi a 9 de Setembro de 1968, ao abrigo da portaria nº 23 do art. 600/68, que o Ministério das Finanças e Educação Nacional, criou esta Escola sob a denominação de Escola Preparatória de Cunha Rivara.

No início era composta por nove (9) docentes, quatro (4) administrativos e três (3) assistentes operacionais. Como não tinha capacidade de resposta, foi criada no Vimieiro a telescola, que em 1973; com a introdução do ensino secundário unificado esta ficou a dividida em dois edifícios distintos.

A partir de 1979, estas passam a dispor de um único edifício, localizado na rua 5 de Outubro, até ao ano letivo 2010/11, tendo sido aprovada a construção de um novo complexo escolar no ano de 2010. No período da construção o ensino foi lecionado em contentores ano 2011/12, tendo o ano letivo 2012/13 decorrido nas instalações do novo Complexo Escolar. Esta escola evidencia-se por envolver a comunidade e a escola (alunos) em atividades sócio/culturais do seu concelho.

As instalações físicas mudam, mas a escola foi ganhando identidade própria e foi crescendo. A partir dos anos 90 passa a conter integrar o Ensino Secundário, respondendo assim aos anseios dos jovens, que até então teriam de deslocar para Évora. No ano 2004, a 14 de Maio, com a criação do Agrupamento de escolas de Arraiolos, os estabelecimentos públicos do concelho passam a agregar-se na mesma unidade organizacional, cuja sede é a escola EB 2,3/Secundária Cunha Rivara.

A EEBCR está localizada no cimo de uma colina, das janelas de grande formato sobressai uma paisagem de planícies alentejanas até ao infinito que nos provoca retirar um suspiro. Nem tudo é um mar rosas: apesar da emblemática paisagem, o edifício não se enquadra com o meio, apresenta uma estrutura com problemas construção que podem originar alguns danos físicos aos alunos, como por exemplo os puxadores de portas, entre outros, grandes superfícies envidraçadas com muita luminosidade o que dificulta a projeção na parede ou no ecrã, falta de aquecimento no inverno que torna o trabalho difícil nos dias mais frios, entre outros problemas da estrutura.

A escola promove, evidência e cultiva projetos e atividades envolvendo e em conjunto com a comunidade, promovendo a ligação ente a escola (alunos) com o património e cultura do seu conselho.

Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada

Como já venho referindo anteriormente, o desenrolar da PES vai assentar em duas disciplinas, História e Cultura das Artes e Educação Visual, e, por isso, é essencial contextualizá-las assim como algumas pedagogias.

A Lei bases do Sistema Educativo Português (LBSE) aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro sofrendo alterações ao longo do percurso pelas Leis n.º 115/97, de 19 de Setembro, 49/2005, de 30 de Agosto, e 85/2009, de 27 de Agosto, inclui a arte como um elemento fundamental, é pertinente conhecer a aquisição dos seus objetivos, incorpora nos três ciclos do ensino básico e secundário.

Ao longo do percurso escolar, os alunos têm a oportunidade de relacionar-se com a arte através da educação artística, enquanto área curricular, o primeiro contacto dos alunos com as artes decorre no 1º ciclo nas atividades extracurriculares nas “disciplinas lúdicas” de expressão plástica e expressão dramática, música, dança, etc. Os 2º e 3º ciclo integram no programa educacional as disciplinas de educação visual e tecnológica, educação tecnológica e educação visual. No prosseguimento de estudos, a Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto divulga o secundário como ensino universal, gratuito e obrigatório, os alunos que querem seguir a vertente artística no secundário podem frequentar comportam diversas disciplinas no âmbito das artes de caráter procedimentos teórico e prático.

“Ensinar exige um alto grau de ascetismo: a alegre responsabilidade de por uma vida confiada a nós, uma vida que devemos influenciar.” (Read, 2001: 240)

O fascínio pela H.C.A preencheu o meu processo de formação, as minhas energias e o meu trabalho estavam direcionados para a turma e para a disciplina, o processo era novo para mim enquanto docente, pois foi o primeiro contacto que tive enquanto pedagoga.

A turma destacada para lecionar foi o 11º I derivado ao facto do docente cooperante ter a seu cargo duas disciplinas e duas turmas

Contudo sempre que tinha oportunidade ia acompanhar o docente cooperante na outra disciplina, Desenho A, 12 J pertencente ao de 12º ano. Foi deveras importante este acompanhamento, adquirir novas metodologias de ensino que pude aplicar noutros formatos para a disciplina de H.C.A enriquecendo as aulas de observação supervisionada.

Observação

Este subcapítulo é gerado pela observação sistemática usando o método do registo do diário de campo em contacto com a atmosfera das instituições e dos seus envolventes, obtendo formações relevantes para a trajetória da PES.

Numa análise que reflete a direção do professor coorientador Carlos Guerra nas suas metodologias de trabalho, na planificação e construção das aulas, assim, como o modelo de educação afetivo, o modo como expressa e comunica com os alunos a relação pessoal de professor vs aluno e aluno – aluno. Os processos de motivação e sucção de aprendizagens que o professor cria na disciplina de HCA para que os alunos consigam ganhar simpatia pela matéria lecionada.

O Conhecimento da turma é fundamental para uma correta prática pedagógica. Este conhecimento não pode ser realizado na Escola de Básica de 2º, 3º Ciclos e Secundário Cunha Rivara de Arraiolos. Era importante ter estado presente nas reuniões de conselho de turma para ficar a conhecer os alunos e as suas circunstâncias, no entanto não houve oportunidade de estar presente um ponto negativo no âmbito da PES.

11º Ano| Turma I | ESGP

No âmbito da PES, eu fiquei responsável pela turma do 11º I, a lecionar a disciplina de História da Cultura e das Artes, sob a orientação do professor Cooperante professor doutor Carlos Guerra.

A observação e análise do contexto social e económico foi obtido através de um questionário que realizei na turma. Entreguei o questionário ao professor na última semana de aulas do ano letivo 2013-14.

Para construir esta caracterização analisei os dados obtidos pelo questionário (Anexo - A) e pelo diário de campo.

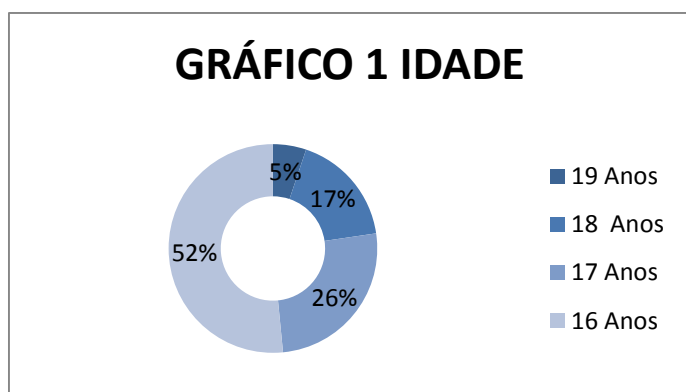
O primeiro contacto com a turma foi uma introdução à minha presença em sala de aula, a construção de um diagnóstico realizado pelo instrumento de registo e análise desse documento, bem como pela observação do comportamento e do processo de ensino-aprendizagem.

Descrição da Turma

A turma em que eu iniciei a prática letiva manteve-se constituída pelos mesmos alunos até ao final do ano letivo.

A turma do 11º I era formada por 26 alunos, maioritariamente do sexo feminino 20 alunas e 6 rapazes. Sendo uma das alunas portadoras do Síndrome de Down. Para esta aluna foi elaborado um plano educativo individual, pelo conselho de turma em cooperação com a coordenadora do Ensino especial (não me foi facultado o nome da pessoa que estava à frente do Ensino especial), o PEI é individualizado de acordo com o grau de dificuldade diagnosticado e com as reais capacidades da aluna. Esta aluna com necessidades de educação especial (NEE) participa em outras atividades curriculares dentro da escola.

A média de idade era nos 16,5 anos (gráfico 1), sendo adequada ao nível de ensino no qual a turma se insere, existindo uma margem significativa por parte de algumas alunas terem uns anos a mais do grau de ensino. Todos os alunos são habitantes da região geográfica da escola.



Era uma turma heterogénea em termos socioeconómicos e culturais, o aproveitamento escolar é médio. Todos os discentes mantinham de uma boa relação de companheirismo e solidariedade. Notou-se também a existência de alguns grupos mais íntimos (pares) mas que interagiam com os outros sem se levantar nenhum problema.

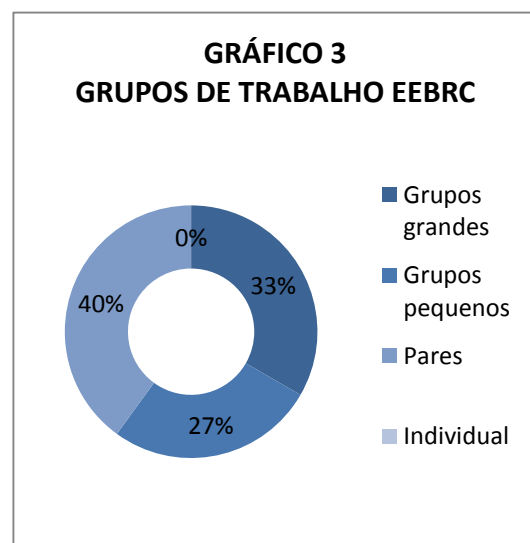
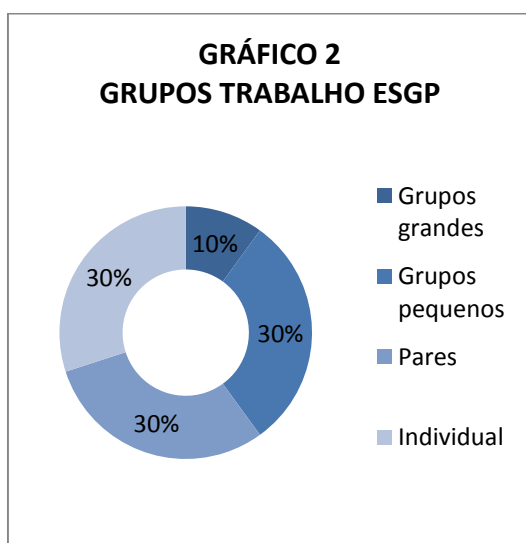
O comportamento era moderado, por vezes era necessário chamar a atenção de alguns alunos para a importância e a necessidade de um comportamento mais apropriado. Os alunos eram muito participativos e interessados em construções

críticas, contudo, notava-se dificuldades ao nível da captação de conteúdos e respetiva aplicação; alguns elementos enriqueciam a turma com a sua motivação e com uma aprendizagem de pesquisa individual de conteúdos da disciplina.

O aproveitamento é moderado refletindo o comportamento. Ao longo do percurso foi notória a melhoria da relação dos alunos com os docentes assim como a avaliação da turma, construindo uma harmonia. Houve um crescimento evolutivo (na avaliação realizada pelo docente da disciplina, compravam-se pelas melhorias nas avaliações quantitativas (testes) e qualitativas (debates) da turma e o interesse pela matéria curricular da disciplina.

Os alunos manifestavam um grande sentido de reflexão crítica e de análise da matéria lecionada. Na 1ª sessão do caso prático os alunos mostraram a sua criatividade e o seu pensamento crítico através do sentido da audição, transcrevendo para o papel o que ouviram (Ilustrações 11,12 e 13) inicialmente tinham medo de apresentar as suas ideias, pelo que foi necessário avançar calmamente, com esta turma, na exploração do plano curricular da disciplina.

Houve preocupação nas exposições da matéria e apresentações de trabalhos realizados pelos alunos e motivaram-se no processo de aprendizagem, (os alunos trabalhavam muito bem em grupos pequenos/a pares. Na 2ª sessão o trabalho realizou-se em grandes grupos de trabalho foi difícil orientar a sessão, assim como a concentração dos alunos se torna reduzida, gerando conversas paralelas.



Uma das metodologias usadas foi o trabalho de grupo nas duas escolas. O aluno do ensino secundário deve ser autónomo, 11º ano o aluno consegue selecionar, pesquisar e organizar a informação assim como relacionar-se com o seu grupo de seu trabalho.

Ao nível do comportamento da turma: notei respeito pelo docente, não havendo nenhuma oposição a minha presença enquanto docente estagiária.

É notável a postura do professor Carlos, o perfeccionismo na orientação do alinhamento das aulas, a sua postura estável, a firmeza no seu discurso numa voz amável e de sabedoria. Fornece a matéria com calma, apela ao sentido crítico dos alunos, cuidadoso na estrutura e na apresentação dos PowerPoints com um design agradável, informação limpa e sintetizada. Recorria sempre a metodologias diversas e alternativas, pesquisando e aplicando o melhor método para estimular a aprendizagem da turma, já que era o primeiro ano que o docente dava aulas a turma.

Valoriza as intervenções dos alunos aproveitando sempre as opiniões positivas e negativas dos alunos para interagir/relacionar com a matéria, agradece sempre os comentários positivos dos alunos, providenciando aos alunos estímulos positivos e de autoestima. Este gesto por parte do professor eleva a confiança dos alunos na sua participação das aulas.

Descrição do Espaço da Sala de Aula

Aulas práticas dos cursos artísticos estão centralizadas no Bloco A3, nas salas do r/chão do edifício, sendo que a aula de HCA era lecionada no Bloco A2 pela sua composição teórica.

Até ao final do primeiro período letivo as aulas decorreram nesse bloco, sendo que o professor pediu transferência dessa sala para uma sala do bloco A3 uniformizando o horário, melhorando assim o horário dos alunos, juntando todas as disciplinas artísticas num único bloco.

Ilustração :11: Sala de aula do Bloco A2

Ilustração :12: Sala de aula do Bloco A3



As duas salas possuíam em comum um computador ligado a um projetor com acesso à internet. As salas tinham uma configuração díspar, a estrutura das mesas e o espaço da sala, assim como a entrada da luz. Um dos aspetos a ter em conta, era a entrada de luz na sala, o grande formato das janelas deixa penetrar demasiada claridade para a projeção multimédia, (apresentação do PowerPoint e do quadro interativo, apesar de não ter sido explorada esta ferramenta multimédia).

Bloco A2

- A composição da sala clássica
- Mesas agrupadas a pares e três fileiras na vertical, viradas para a secretaria do professor e quadro branco
- Sem informação visual e sem armários.

Bloco A3

- As mesas eram alinhadas no formato de U viradas para a frente do quadro branco e quadro interativo, a mesa do docente situava-se voltada de frente para porta.
- continha objetos decorativos (trabalhos de alunos) por cima dos armários de arrumos e um lavatório

7º e 8º Ano | Turma C | EEBCR

A observação na EEBCR realizou-se de uma forma distinta da ESGP. Enquanto no primeiro semestre a observação era apenas numa turma, no segundo semestre ocorreu um registo heterogéneo, o diário de campo construiu-se de uma forma mais livre dos diversos anos e turmas a cargo do docente cooperante Luís Silva.

A abordagem das turmas revelou-se num formato mais flexível, assim como o horário, podendo observar os diversos anos do 3º ciclo, permitiu uma autonomia com os alunos assim com uma interação que resultou numa cooperação ativa com as turmas, criando conforto com a presença da professora (s) estagiária (s) num ambiente mais natural. O primeiro contato com as turmas deu-se a 13 de Fevereiro de 2014, nas aulas de Educação visual que aconteciam sempre na mesma sala das turmas (A,B e C) dos 7º, 8º e 9º ano.

Não houve questionário para a caracterização da turma do 7º ano, nem observação de campo, já que o primeiro contato com esta turma foi o próprio dia de aula da PES, nesta escola.

Descrição 8º Ano da Turma C

A primeira reunião de grupo com o professor coorientador Luís Silva serviu para selecionarmos a turma pela qual ficaria responsável, o oitavo ano da turma C, que fazia parte do horário letivo do mesmo.

A turma do oitavo ano era constituída por dezoito alunos, dos quais onze do sexo feminino e sete do sexo masculino com idades que variavam entre os treze e os quinze anos, a média era de catorze anos, estando adequado ao ano de nível de ensino no qual a turma se inseria, a maioria dos alunos tinha completado os catorze anos. Dois alunos eram repetentes, do 4º e 7º ano (Anexo B).

Nenhum aluno apresentava Plano Educativo Individual, todos tinham nacionalidade portuguesa. Todos habitavam na área geográfica da escola, demorando em média dez a vinte minutos no percurso do caminho até chegar a escola (AnexoB).

O número de alunos das turmas do 3º ciclo era uma benesse para proporcionar um ambiente favorável à harmonia e leveza na condução das aulas, mas os fatores da desmotivação (eu não sou capaz) e de desinteresse dos alunos desta turma condicionou o processo de ensino-aprendizagem. Como futura professora tive o cuidado de desenvolver metodologias e estratégias que desenvolvessem a motivação dos alunos pela disciplina/matéria.

A turma era heterogénea (Anexo B) mostravam-se empolgados com as novas atividades propostas, mas por outro lado a criatividade e a crítica narrativa ficava aquém das expectativas em alunos do 3º ciclo na disciplina de educação visual: notam-se lacunas nos processos da criatividade, assim como, da aprendizagem de novos conteúdos que são o espelho do comportamento e da desmotivação. Usei pedagogias similares à disciplina de HCA, com quebras de ritmo, da teórica para a prática. Antes de iniciar a prática usava a estratégias de uma atividade lúdica para estimular a motivação dos alunos para a prática, interligando as aprendizagens teórico-práticas, a metodologia o feedback positivo. Revelavam um comportamento normal dentro e fora da sala de aulas.

Os alunos desmotivam-se facilmente, era necessário estimular a motivação, empregavam muitas vezes as expressões como *eu não consigo*, *eu não sei fazer*, *eu não sei desenhar*, entre outras. Foi essencial o uso do reforço positivo, no sentido de aumentar a autoestima e de desenvolver a criatividade dos alunos.

Descrição da sala de aula

A sala EV 01 estava disposta de acordo com o modelo tradicional: as mesas distribuíam-se em filas verticais, sendo que a última fila era composta por estiradores virados para os quadros brancos. As paredes eram brancas, o espaço da sala limpo e sem decoração. Não possuía material de projeção, para a projeção multimédia recorria-se a um projetor móvel destacado para aquela sala, mas que podia ser requisitado por outros docentes. Havia apenas um computador com internet localizado na mesa do professor voltada para as fileiras de mesas de alunos. Existia uma bancada formada por um lavatório e armários divididos pelas turmas, cada um tinha uma porta, onde era guardado o material escolar de Educação visual dos alunos, por cima destes estavam pendurados trabalhos dos alunos (móviles e cataventos). As janelas de grande formato permitiam uma vista privilegiada da planície alentejana, contudo deixava entrar uma grande luminosidade na sala que não favorecia as projeções. Havia ainda uma arrecadação incorporada na sala, que era raramente utilizada.



Ilustração 13: Sala EV 01

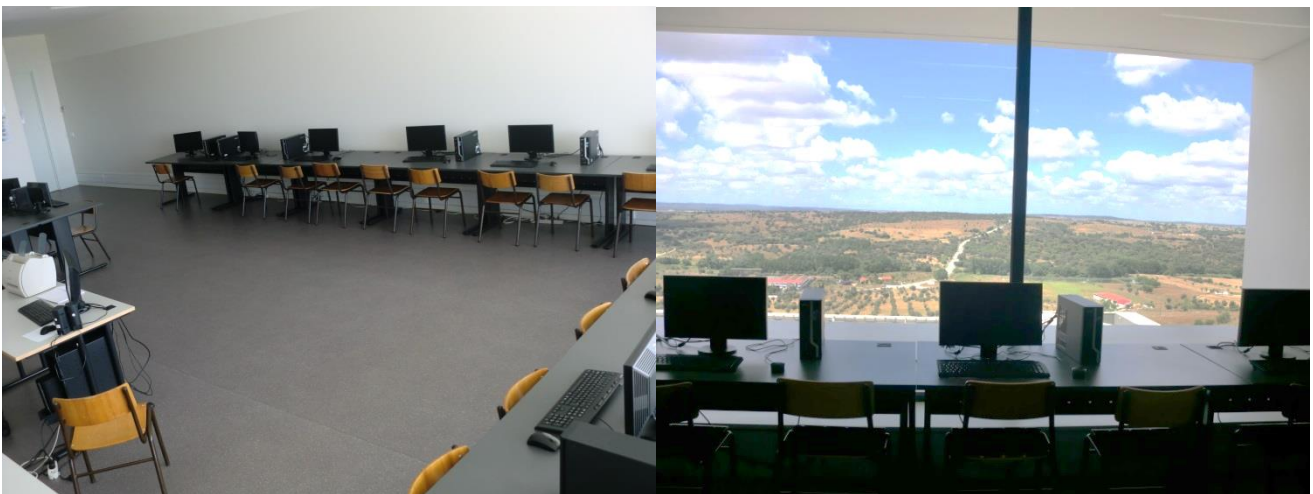


Ilustração 14: Sala TIC

Prática

A planificação tem de ser estruturada com o programa e o curriculum nacional das disciplinas, tendo em conta as competências a desenvolver no ciclo da aprendizagem. As aulas são planificadas com diversas metodologias e recursos de trabalho.

A disciplina de *História da Cultura e das Artes* insere-se na componente de formação específica do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e no 11º ano, com uma duração de 90 minutos por três dias por semana (segunda-feira, quarta-feira e quinta-feira).

A disciplina de HCA é caracterizada por três elementos que devem ser abordados e explorado o âmbito da pesquisa, da crítica e da comunicação da informação os conceitos: tempo, espaço e contexto histórico são fundamentais, sendo que todos os acontecimentos são sustentados por fontes documentais e iconográficas (capítulo I).

A reflexão das primeiras aulas assistidas nos primeiros momentos com a turma foi importante para analisar a turma, que levou a uma conclusão: Tornava-se necessário optar por uma metodologia que quebrasse o ritmo (a passagem teórica para o campo prático) das aulas para que os alunos se motivassem e assimilassem a matéria com a utilização de estímulos positivos conseguidos através de exercícios lúdicos e agradecimentos pela participação positiva na aula.

A educação é uma partilha de aprendizagem, é uma troca de conhecimento, de experiências do Educador/Educando.

A preparação das aulas para ESGP enquadrou-se no plano educacional e nos módulos que o docente cooperante Carlos Guerra facultou (documentos, testes, correção do teste, fichas de trabalho, textos de leitura das aulas, cronograma dos módulos) facilitando a construção dos planos de aula, com a sua preciosa cooperação em todo o processo. Os coorientadores estiveram sempre disponíveis e prestáveis.

Nos exercícios práticos das duas aulas supervisionadas da PES, existiu uma perseverança de tornar o vocabulário adequado as técnicas e aos períodos artísticos lecionados, enriquecendo a aprendizagem do aluno.

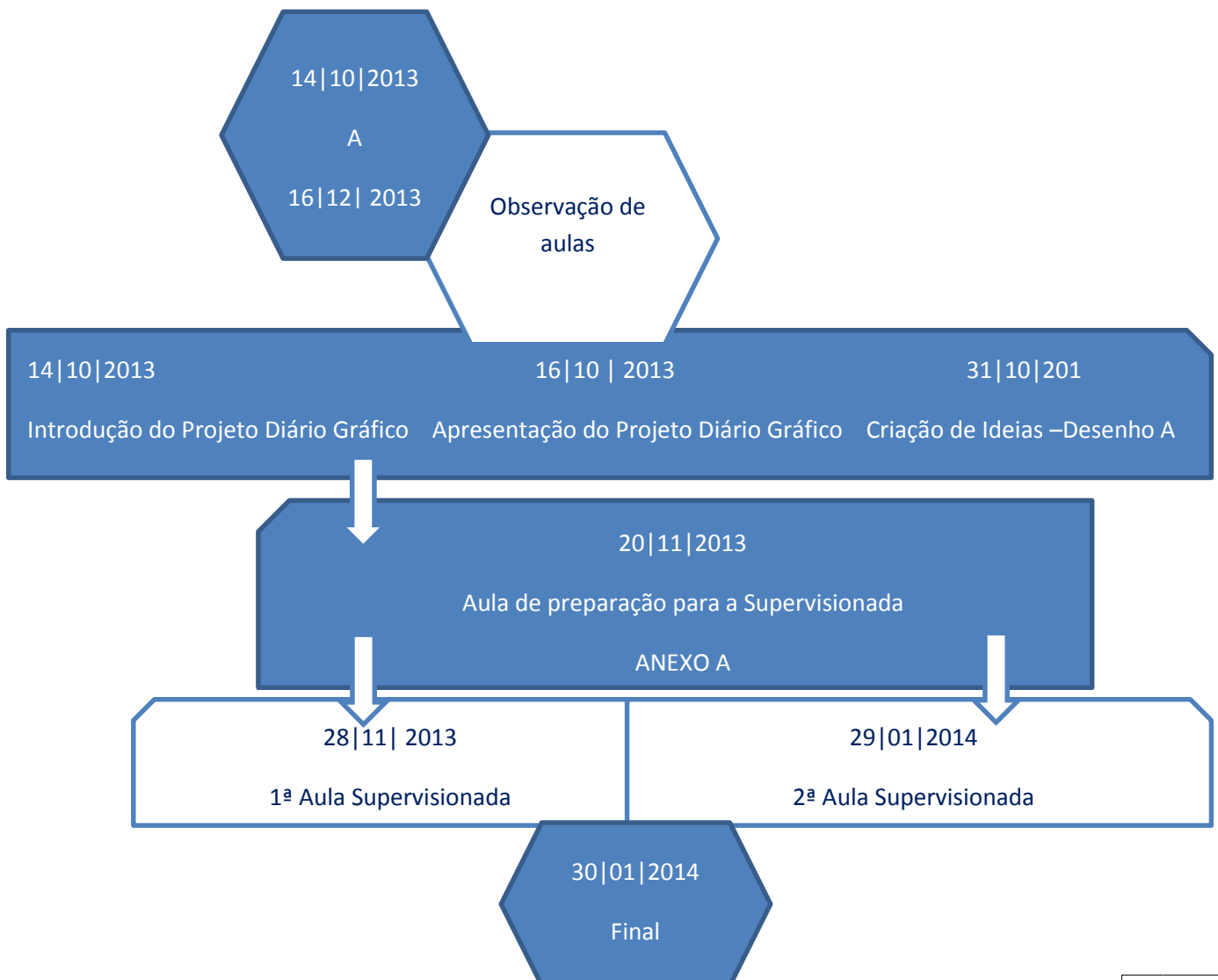
A composição física da sala de aulas influencia o comportamento dos alunos assim como a aprendizagem, a situação da organização clássica da sala em filas na horizontal (esquemas da sala do bloco A2), ocasiona um menor número de interações

dos alunos entre si e uma maior tendência da atenção unidirecional por parte do professor. Mas o professor tem de circular por todo o espaço físico da sala, não deve situar-se na sua zona de conforto. Foi este aspeto que o professor cooperante me ajudou a desenvolver, como estratégia de não diferenciar os alunos da primeira fila com os de trás, circular pela sala enquanto explicava a matéria fixando-me em algumas zonas específicas de modo a interagir com todos os alunos.

Stires (1980) menciona que «apesar de ser fisicamente possível prestar atenção em qualquer lugar da sala, algumas localizações facilitam esse ato, enquanto outras o tornam difícil» (Ferreira & Santos, 1994: 45).

Na preparação das aulas na ESGP, enquadrou-se o plano educacional dos módulos do manual da disciplina. A cronologia dos módulos foi facultada o professor cooperante Carlos Guerra, que permitiu uma organização no calendário (agendando as aulas da avaliação da PES) e do processo para a concretização dos planos de aulas.

CONOGRAMA DA ESGP



1ª AULA SUPREVISIONADA NA ESGP (Bloco A2)

MÓDULO 7 – CASO PRÁTICO - LE NOZZE DI FIGARO - W.A. MOZART

O Anexo contém o plano desta, assim como a apresentação do conteúdo do módulo exposto pelo PowerPoint (Anexo A).

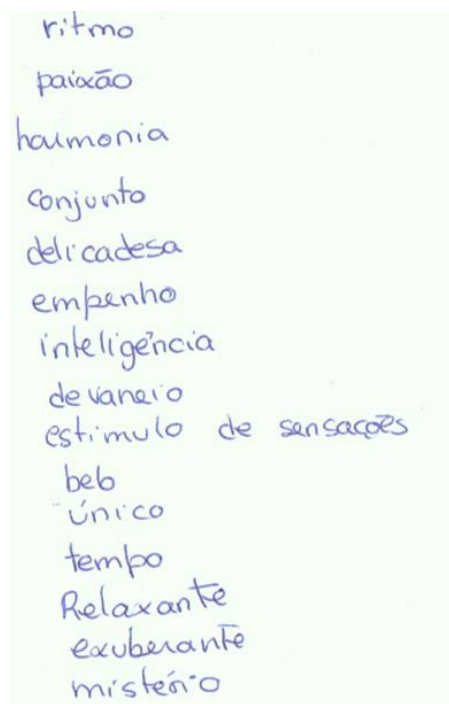
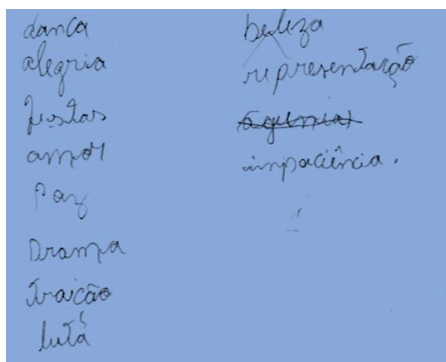
Após a rotina inicial da entrada na sala de aulas, a acomodação dos alunos nas suas mesas foi mais demorada que o costume talvez devido à presença da professora orientadora, que suscitaria uma aula diferente.

Após a agitação e o cumprimento inicial segue-se a apresentação da matéria a lecionar com o recurso já referido anteriormente. Analisamos coletivamente a vida e obra de W.A. MOZART e partimos para o exercício lúdico como forma de motivação e descontração para a tarefa seguinte, que consistiu numa análise da peça Le Nozze Di Figaro, partindo da leitura dos resumos dos IV atos da peça, assim como da caracterização das personagens. Observação do IV ato em vídeo com a duração quinze minutos seguindo-se para a análise da peça exposta.

Por observação direta verifiquei que a maioria dos alunos se manteve interessada, fazendo comentários assertivos e pertinentes sobre o conteúdo lecionado.

É de salientar que esta aula teve como ponto muito forte a participação dos alunos no exercício lúdico. Agiram com naturalidade e espontaneidade transcrevendo as suas emoções.

Ilustração 15: Exemplos aluno A | 12 aluna M | 13 aluna L



2ª AULA SUPREVISIONADA NA ESGP (Bloco A3)

MÓDULO 8 IMPRESSIONISMO | 29-01-2014

«O impressionismo não é uma tendência, mas sim uma visão do mundo»

Max liebermann (2010)

Partindo do plano de aula (Anexo A) e após a rotina inicial da acomodação em sala de aula, foram expostos os conteúdos através projeção do PowerPoint.

Esclarecidas as dúvidas surgidas na exposição, partiu-se para a proposta do trabalho de grupo. Estes foram formados por 5/6 elementos, agrupados por proximidade.

O material usado para a pesquisa foi facultado pela mestrandia, em número suficiente.

Os alunos mostraram alguma dificuldade na compreensão do trabalho pedido, no entanto após alguns esclarecimentos e intervenções nos grupos, os alunos perceberam a tarefa empenhando-se na sua realização. Houve necessidade de prolongar a aula para mais quarenta e cinco minutos do dia seguinte, para a apresentação dos trabalhos.

Nesta aula é de referir que houve dois pontos negativos:

1. A clareza em direção ao quadro, que dificultava a visibilidade da projeção do PowerPoint.
2. O número elevado de elementos por grupo.

Relativamente ao ponto dois, numa próxima oportunidade o trabalho seria exposto numa aula e iniciado só na aula seguinte para que os alunos também pudessem colaborar com material de pesquisa. Havendo mais recursos, o número de elementos por grupo podia ser mais reduzido.

CONCLUSÕES ESGP

As reflexões da primeira aula observada para avaliação da PES levaram a uma conclusão: que é necessário quebrar o ritmo das aulas, intercalar metodologias teóricas com as práticas.

Os alunos sentem motivação com esta quebra, pois uma aula de 90 minutos só de teoria era exaustiva para esta turma, assim a mudança proporcionava a estimulação e assimilação da matéria.

A construção desta pedagogia vai ao encontro das aulas que o professor orientador Carlos Guerra usa nas suas aulas de Desenho e HCA (o professor

orientador Carlos Guerra foi uma influência e inspiração, assim, como um grande apoio para a minha prática de ensino).

A educação é uma partilha de aprendizagens, é uma troca de conhecimentos, de experiências do Educador-Educando vs Educando-Educador. Que pude pôr em prática pedagógica no 11º Ano durante a PES, ao longo do Módulo 7 – A Cultura do Salão e do Módulo 8 – A Cultura da Gare. Todo o trabalho desenvolvido teve em linha de conta a importância dessa indicação, bem como os objetivos e as competências a atingir pelo aluno relativamente aos trabalhos práticos, assim como no projeto curricular da turma que ficou parado.

Os objetivos expressos no programa da disciplina estiveram claramente presentes na projeção e estrutura do plano de aulas (Anexo A), analisar, pesquisar, reflexões críticas construtivas.

Nos trabalhos práticos, os alunos desenvolvem competências no domínio dos métodos de investigação, pesquisa, a interpretação e a comunicação da análise de obras, conhecendo e identificando as técnicas e ferramentas empregadas e inovadoras dos movimentos, na defesa oral dos trabalhos práticos.

Salgado observa que «o trabalho de grupo é não só um método de ensino eficaz como, em certa medida, um processo terapêutico, um instrumento de integração do aluno na vida escolar, um autêntico processo de democratização, e, ainda, um fator de adaptação da escola à personalidade e situação dos alunos» (Ferreira & Santos 1994: 79).

Quanto à PES na Escola Secundária Gabriel Pereira, iniciei um Projeto Educativo que não consegui acompanhar, nem obter resultados para o concluir. A finalidade do delineamento era revelar que a disciplina de HCA poderia estar aparceirada com o diário gráfico.

A linha do projeto era motivar e incentivar os alunos a criarem uma ligação positiva com a disciplina de HAC, com uma nova metodologia de aprendizagem.

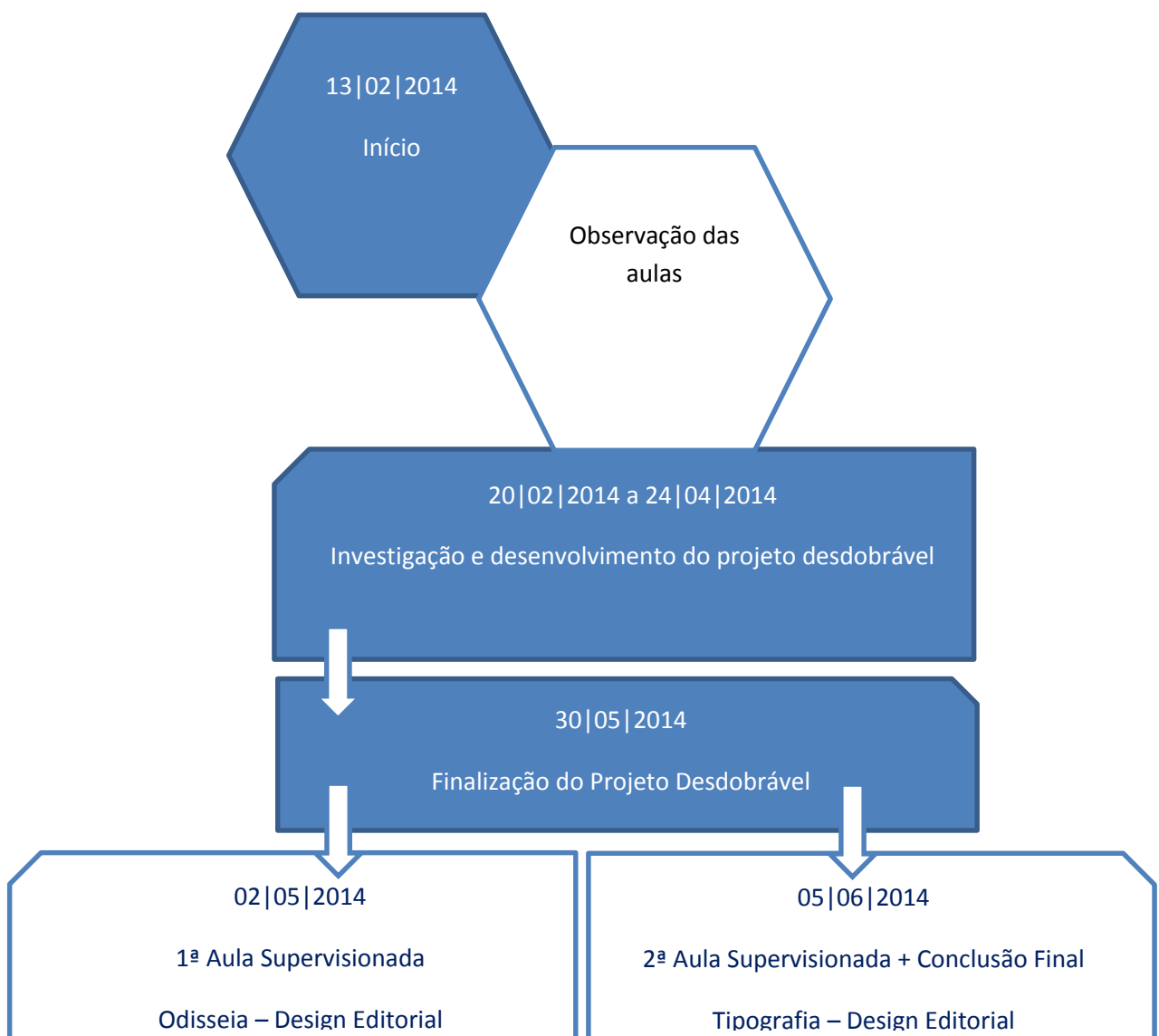
A temática do projeto referia-se a uma análise e reflexão de dez pinturas e dez artistas do Movimento Barroco escolhidas “por mim” dadas aos alunos aleatoriamente, os alunos teriam de fazer uma reinterpretação dessa obra e para a sua época, a arte contemporânea.

Os alunos iriam realizar a sua interpretação, expondo as suas reflexões críticas das obras e da arte contemporânea, usando as técnicas de expressão livres, gerando uma perceção visual analítica da obra e do próprio artista, de uma forma lúdica encontravam, assim, diferenças e semelhas dos movimentos opostos, nos contextos socioeconómicos, culturais e técnicas de expressão, desenho, fotografia, pintura, fotomontagem, entre outros.

A arte recebe sempre influências dos valores de construção da rede sociedade e da sua cultura.

Arte do “passado” está “presente” na atualidade, muitos artistas contemporâneos vão buscar referência, influência e inspiração nas obras de períodos artísticos do passado.

CONOGRAMA DA EEBCR



Na EEBCR existiu uma harmonia na planificação das aulas, nas metas curriculares da Educação visual no 3ºciclo foi desenvolvido na PES desta mestranda o conteúdo do design editorial sendo uma das vertentes do design de comunicação, uma área familiar, para a docente estagiária.



3 SESSÃO EEBCR | PUBLISHER | 02 -05-2014

Esta aula foi supervisionada numa turma e numa sala sem a mestranda ter um contato prévio.

A planificação (Anexo B2) foi realizada com apoio do professor cooperante da escola EEBCR e com base no programa da disciplina de Educação Visual.

Partindo do princípio que a turma teria uma rotina inicial de acomodação em sala de aula diferente das outras devido ao material e organização da sala, dei tempo para que tal acontecesse. Os alunos agruparam-se dois a dois por computador e um último com três alunos.

Após a agitação inicial e da chamada de atenção da professora mestranda, seguiu-se o plano de aula que assentou na linha do projeto educativo da escola (PEE).

Foi projetado o PowerPoint com a explicação do conceito de Design Editorial e visualizada uma animação em computador. Seguiu-se para o jogo lúdico que consistiu na identificação dos materiais existentes numa caixa sem recurso ao sentido da visão.

Os alunos motivaram-se com o jogo o que prova que este estimula e liberta

emoções, que se podem intensificar quando a visão deixa de ser um recurso à descoberta da imagem.

A proposta de construção do desdobrável com o tratamento no programa Publisher, surgiu no tempo previsto dando tempo aos alunos para uma breve recolha de imagens seguida de uma planificação da estrutura do desdobrável do grupo. Para um trabalho final de qualidade necessitava mais sessões, mais acompanhamento e várias revisões.

O facto de os alunos se sentarem logo em frente aos computadores condicionou a atenção uma vez que esta ferramenta sugere outras motivações.

Ilustração 16: Exemplo de algumas respostas efetuadas pelos alunos no questionário da aula

Questionário Aula 02| 05| 2014

Este questionário é realizado com a finalidade de dar a conhecer ao docente o resultado da aula de hoje, para que possam trabalhar em conjunto. Por esse motivo, responde atentamente às questões:

Como achas que a aula de hoje contribui para a tua aprendizagem?

Foi que foi uma aula muito dinâmica e pude aprender mais sobre Design gráfico

O que gostaste mais?

Gostei mais de utilizar o publisher

Comenta o exercício prático.

Foi um exercício interessante, ajudou-me a comparar melhor o design e foi muito enriquecedor.

A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa na interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. A compreensão do património artístico e cultural envolve a perceção estética como resposta às qualidades formais num sistema artístico ou simbólico determinado em Currículo Nacional do Ensino Básico, (CNEB).

4 SESSÃO EEBCR | TIPOGRAFIA | 06-06-2014

Esta aula foi planificada para a turma que foi atribuída à mestranda em reunião de grupo com o professor cooperante.

As atividades previstas para esta aula tiveram início a seguir à instalação dos alunos. Utilizando como recurso os meios audiovisuais, a aula iniciou-se com a projeção do PowerPoint (Anexo B), passando para o jogo lúdico da tipografia das marcas do quotidiano dos alunos (facebook, google e coca-cola); estratégia pensada para estimular, motivar e compreender a tipografia. A aula finalizou com a realização de um exercício prático, no qual foi notória a aplicação dos conteúdos abordados na aula (Ilustração).

Durante o decorrer de toda a aula foi evidente a motivação e o empenho dos alunos. Houve organização, pensamento construtivo e crítico e entusiasmo em todos os momentos. Esta análise assenta na observação direta no decorrer da aula, na avaliação dos trabalhos e nos comentários dos alunos após o toque da campinha.

Ilustração 17: Exemplo de algumas respostas efetuadas pelos alunos no questionário da aula

Questionário

Este questionário é realizado com a finalidade de dar a conhecer ao docente o resultado da aula de hoje, para que possam trabalhar em conjunto. Por esse motivo, responde atentamente às questões:

Como achas que a aula de hoje contribui para a tua aprendizagem?

Não sabia o que era a tipografia.
Não sabia que numa palavra podia ter tanta info.

O que gostaste mais?

Gostei do jogo das palavras.

Comenta o exercício prático.

Foi fácil mas se tivesse mais tempo acho que iria ficar mais original, correu bem e gostei muito de o realizar.

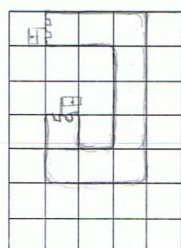
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARRAIOS | 8.C| 05.06.2014

ALFABETO DE ARRAIOS

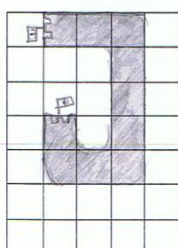
Pretende-se neste exercício que a turma crie uma nova fonte tipografia com o tema de inspiração o seu Concelho a Vila de Arraiolos.

Cada aluno irá realizar uma nova letra, a primeira letra do seu nome será trabalhada na forma da linha, a negro, em cor e padrão.

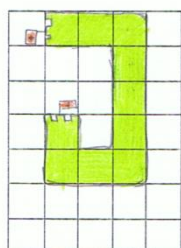
Estrutura da letra 3X5.



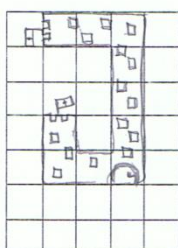
LINHA



NEGRO



COR



PADRÃO

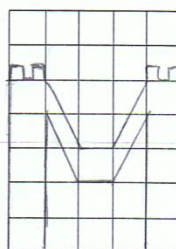
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ARRAIOS | 8.C| 05.06.2014

ALFABETO DE ARRAIOS

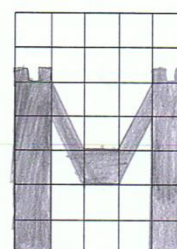
Pretende-se neste exercício que a turma crie uma nova fonte tipografia com o tema de inspiração o seu Concelho a Vila de Arraiolos.

Cada aluno irá realizar uma nova letra, a primeira letra do seu nome será trabalhada na forma da linha, a negro, em cor e padrão.

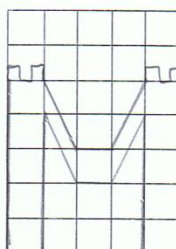
Estrutura da letra 3X5.



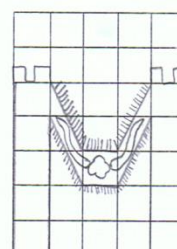
LINHA



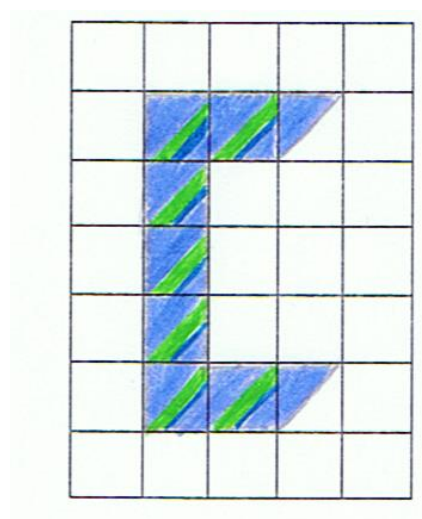
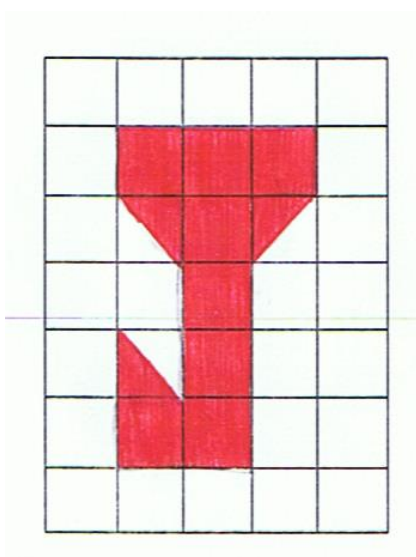
NEGRO



COR



PADRÃO



Participação na Escola e Relação com a Comunidade

A escola tem como um dos deveres interagir com a comunidade em diversas formas, criando uma ligação de harmonia entre a escola e a comunidade, é essencial haver um feedback positivo das partes integrantes.

Todo o esforço dos alunos deve ser apresentado, divulgando as suas intervenções artísticas, facultando a visibilidade às criações e a bravura dos alunos, concebendo experiências enriquecedoras no processo de ensino e aprendizagem.

Neste ponto julgo que a minha prestação poderia ter sido mais intensa, principalmente na ESGP. Foi um dos pontos fracos da PES, a minha contribuição para a comunidade escolar.

Realizar um estágio à distância de sensivelmente 400 quilómetros da cidade natal, veio dificultar a parte económica e a disponibilidade em carga horária para o empenho em todo o processo, principalmente na conceção e desenvolvimento dos projetos de ligação da escola para a comunidade.

As relações pessoais nas instituições em que estive criaram-se apenas com os docentes cooperantes e com os alunos das turmas envolvidas do campo da PES, com quem julgo ter mantido uma boa relação profissional. Houve contacto com algum pessoal docente da comunidade escolar, no entanto essas relações foram escassas, mas sempre cordiais.

A estrutura da PES, que se divide em duas partes de quatro meses para cada escola, dificulta o envolvimento com a comunidade escolar e não só. O mestrado é composto, no primeiro semestre, por unidades curriculares que se sobrepõem com o horário do coorientador e da turma direcionada a trabalhar, o que reproduz uma incompatibilidade, reduzindo o período de tempo na escola, limitando a participação como no caso de reuniões da turma e de departamento, dos quais não tenho conhecimento profissional.

Na ESGP, como já referi anteriormente, a participação devia ter-se efetuado numa exposição dos diários gráficos dos alunos que iriam ser realizados na ligação de duas disciplinas, história e cultura das artes e oficina de artes. Mas como o tempo era reduzido e o objetivo principal era lecionar a matéria e preparar os alunos para o exame nacional da disciplina, o projeto ficou parado, não obtendo o produto final para a

concretização da exposição. A escola mantém uma política de qualidade e de excelência na finalidade de exposições nos trabalhos dos alunos, esses tem de valorizar a imagem da escola, não importa a quantidade mas sim a qualidade. O resultado final não foi atingindo, mas o importante foi o início processo em que ainda pude trabalhar com os alunos aventurando a ideia da transposição de uma obra da época do Barroco para uma interpretação do Contemporâneo.

Na EEBCR, o papel da escola envolver-se com a comunidade originou outro empreendedorismo na instituição. Na escola estava a decorrer um projeto “O tapete está no ar” pelo que o professor cooperante sugeriu uma abordagem e uma participação ativa para um desdobrável que interligava três disciplinas (Português, Inglês e Educação Visual).

Um projeto inovador e enérgico que envolveu muito o espírito de equipa (com as minhas colegas de estágio), este conteve diversas fases, primeiro os temas cada estagiária tinha um comprometimento temático a trabalhar, a investigação sobre os temas, a estrutura do formato o design do desdobrável; foi uma parceria enriquecedora que se refletiu no produto final. Toda a equipa com os docentes envolvidos, docente cooperante assim como os alunos estabeleceram uma relação mais interventiva com a comunidade escolar e o meio circundante. Na última fase do desdobrável, promover a participação dos alunos na coletividade escolar e na comunidade, em parceria com a Câmara Municipal de Arraiolos que imprimiu os desdobráveis e entregou-os ao Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos.

Ilustração :19: Desdobrável Odisseia



Verso (A)

Verso (B)

PACIÊNCIA

Na vida, paciência é uma virtude essencial. Ela nos permite enfrentar as dificuldades e esperar pelo momento certo de agir. A paciência é a capacidade de suportar a dor, a tristeza e a frustração sem se deixar levar por elas. Ela é a chave para a realização dos nossos sonhos e para a conquista da felicidade.




FIDELIDADE

A fidelidade é a base de qualquer relacionamento saudável. Ela envolve ser leal, honesto e comprometido com os outros. A fidelidade é a garantia de que podemos contar uns com os outros em momentos difíceis. Ela é a pedra angular para a construção de uma vida plena e feliz.




RESISTÊNCIA

A resistência é a capacidade de suportar a dor e a adversidade sem se deixar derrotar. Ela é a força que nos permite superar as dificuldades e alcançar nossos objetivos. A resistência é a chave para a vitória em qualquer luta.




INCERTEZA ESPERANÇA

A incerteza é a falta de certeza sobre o futuro. A esperança é a crença de que o futuro será melhor. A incerteza e a esperança são sentimentos que nos acompanham ao longo da vida. Elas são a chave para a superação das dificuldades e para a conquista da felicidade.




AMOR

O amor é a força que nos conecta aos outros e nos dá sentido à vida. Ele é a chave para a realização dos nossos sonhos e para a conquista da felicidade. O amor é a base de qualquer relacionamento saudável e é a pedra angular para a construção de uma vida plena e feliz.




ODISSEIA

Apresentação: Exame de Artes (2014)




Alunos: Sérgio (10 anos) | Elisabete

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.



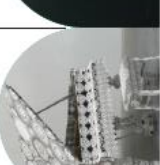
Alunos: Robinson (10 anos) | Degrass

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.




Alunos: Rogério (10 anos) | Jéssica

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.




Alunos: João (10 anos) | Patrícia

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.




Alunos: Carolina (10 anos) | Patrícia

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.




Alunos: Carlos (10 anos) | Patrícia

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.




Alunos: Maria (10 anos) | Patrícia

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.



Alunos: Maria (10 anos) | Patrícia

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.



ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS

Este trabalho foi desenvolvido durante o curso de Artes, com o objetivo de explorar a temática da Odisseia através de diversas técnicas e materiais. Os alunos utilizaram tintas, lápis e materiais reciclados para criar esta obra de arte.

Desenvolvimento Profissional

No âmbito da PES é necessário ter disponibilidade, dedicação e adquirir conhecimento em diversos campos de aprendizagem, através de uma formalização profissional.

A participação em formações de caráter pedagógico contribui para a melhoria da atividade educativa, no que concerne à aplicação de estratégias/metodologias e de recursos que se ajustem à realidade dos alunos.

No primeiro ano como alunos do mestrado do ensino, fomos convidados pelo professor Bravo Nico a participar no VII Edição do Aprender no Alentejo | Encontro Regional de Educação, a minha contribuição como oradora realizou-se a 4 de Dezembro de 2012, na Universidade de Évora, no anfiteatro do Colégio do Espírito Santo, sob a temática “EDUCAÇÃO AO SUL” com o estudo de Caso “ Missão Escutista: Preparar o Caminho”, uma educação informal (Anexo C).

No dia 12 de Março de 2014, Oficina com a temática (Des)construindo identidades: orientado pela professora Prof. Doutora Judit Vidiella, no anfiteatro do Colégio Espírito do Santo na Universidade de Évora. Debatendo narrativas do ensino, das práticas de aprendizagens e do papel do professor na atual sociedade (Anexo C).

Assisti ainda coletividades de laboratórios e workshops de ilustrações na Olliva Factory, de caráter espontâneo e voluntário, assim como visitas a museus, performances e teatro que me enriqueceu enquanto participante, alargando a meu olhar sobre a cultura visual incorporando várias metodologias de ensino de aprendizagem artística.



A

“A educação possui um poder considerável uma vez que é através dela que o homem domina as suas paixões, constrói o seu pensamento, acede à liberdade”.

Alain, 1961: 16

ANÁLISE CRÍTICA

A experiência da Prática de Ensino Supervisionada foi enriquecedora, sendo esta composta por altos e baixos inerentes ao estágio. Fazendo uma retrospectiva do percurso do estágio debati-me com a falta de experiência que me conduziu a construir expectativas bastante elevadas em relação a prática das disciplinas. Neste caso essas caíam um pouco por terra, verificando que faltam bases de metodologias e pedagogias de ensino-aprendizagem. O percurso do MEAVBS conteve lacunas que condicionaram a trajetória da PES.

O desenvolvimento da prática decorreu normalmente seguindo os parâmetros do curriculum e do programa das duas disciplinas. A concretização do estágio decorreu em duas escolas distintas assim como os seus envolventes desenvolvendo aspetos relevantes para a minha formação.

As duas instituições completam-se, assim como, os seus envolventes, através das metodologias e pedagogias usadas pelos professores cooperantes das aulas observadas uniformizei um modelo a seguir aproveitando os pontos fortes, como no caso do feedback positivo agradecendo sempre os comentários pertinentes que valorizassem a condução da aula.

Segundo os comentários e análises dos professores coorientadores e da orientadora da PES, houve pontos fortes e fracos na planificação das aulas assim como dos materiais. Na condução das aulas não existiu falhas de gestão de tempo, tirando a 3ª sessão na EEBCR, que precisava mais de tempo para preencherem os questionários, terminando depois da hora.

Nos dois níveis de ensino notou-se a facilidade de projeção da voz como do timbre agradável, facilitando a comunicação com os alunos e na explicação da matéria. A comunicação é importante para estabelecer o contato com os alunos tanto com a linguagem verbal como na não-verbal, na gestão e na postura.

A nível da técnica/recurso, o que destaco é a utilização dos meios audiovisuais, que facilitam o processo de criação como de exposição da matéria. As didáticas contiveram sempre que possível um momento de relaxamento e de motivação. No 3º ciclo é preciso estimular os alunos, para que estes se empenhem e trabalhem a criatividade e o pensamento crítico.

Considerações Finais e Conclusões

Essa viagem forma e atualiza no imaginário da nossa cultura todo o saber.

“A viagem é também a odisséia do conhecimento: estimula e recria a memória, constrói as ligações da experiência e põe a prova o conhecimento anterior que logo esquece e supera.” (Gago, J.,M. - Homero 2002:49)

Os professores de Artes Visuais nos dias de hoje e de sempre, ocuparam com grande destaque o ensino a que se propuseram com distinção, tendo surgido artistas de renome em todas as épocas.

O professor de hoje, do séc. XXI, apesar de ter sofrido e passado por várias transformações, alguns deles ainda conserva raízes educativas do séc. passado.

Os alunos não ousavam questionar o professor, pois tinham receio das represálias, tanto a nível educacional como familiar. As famílias depositavam inteiramente confiança nas escolas e docentes. O programa educacional era feito pelo professor, sendo acolhido pacificamente por todos envolventes, não havia criatividade nas salas de aulas, a expressão e o pensamento crítico dos alunos eram desautorizados, sendo que a arte é uma manifestação de criatividade e de liberdade emoções.

Os programas eram para ser cumpridos, caindo numa rotina que era o “ensinar” o “memorizar” o “rotineiro”.

Pergunta-se: Funcionava bem?

Talvez tivesse funcionado bem com resultados positivos para a época. Este funcionou bem porque os alunos do antigamente eram desprovidos das tecnologias de hoje.

Mas nos dias de hoje o seu percurso já está ultrapassado, não quero dizer com isto que esteja a contestar a metodologia utilizada e o que passou já foi, o importante é o momento, o presente, por isso todo o processo educacional tem de ser centrado no séc. XXI.

Um dos aspetos importantes e de grande relevância é que o professor deixe o estrado e venha ter com os alunos.

O docente de artes visuais, como qualquer outra docência, não pode limitar-se a ensinar a transmitir o conhecimento, pois este é muito restrito. Pois encontramos na era robótica, clonagem, internet. Diante de tantas transformações, esta trás grandes desafios para a escola na arte do ensinar.

A sala de aula deve ser um espaço de criatividade entre o professor e os alunos,

este espaço deve ser construído em conjunto, só assim se consegue estabelecer uma verdadeira aprendizagem.

O professor deve estar atento à aprendizagem e comportamentos dos alunos. Para educar é preciso estabelecer relações com os alunos, criar ambiente estimulante de compreensão e colaboração, usando sempre as mesmas atitudes sem distinção entre os alunos.

Para haver motivação é preciso que o docente utilize técnicas e métodos adequados. É importante que o professor defina um conjunto de técnicas pedagógicas que lhe permita ocupar os alunos, que haja uma aproximação afetiva entre todos os intervenientes, que facilite o conhecimento, a ajuda e a cooperação.

Respeito pela integridade, direitos e dignidade de cada um. O professor, além de ter a capacidade de ensinar, tem de saber orientar a turma de modo a conseguir organizar e coordenar os alunos, para que estes atinjam os objetivos, pessoais, de grupo e da escola, perspetivando-os como futuros cidadãos (formar pessoas competentes e responsáveis).

O professor do séc. XXI tem de acreditar nos seus alunos, estimulando-os aumentando a sua autoestima e autoconfiança, para um melhor crescimento escolar, moral e social. Com a crise na sociedade alguns dos alunos são muitas das vezes portadores de desmantelamentos familiares, levando-os a ter comportamentos de dificuldade de comunicação verbal e outros, que para o professor os compreender é preciso encarar o meio familiar e social onde estes se encontram.

O docente deste séc., principalmente o de artes visuais, tem de ser criativo, pois criatividade é espírito inventivo, é experimentar e crescer, com esta metodologia o professor conseguirá um ambiente de liberdade, aprendizagem com regras de convivência e respeito pacífico.

Se a vida é um grandioso quadro, então a arte está sempre presente nas telas do nosso dia. Os jovens de hoje serão os professores e o espelho da sociedade do amanhã, por isso cabe ao professor fazer com que a imagem refletida se torne mais bela e promissora de um futuro melhor, onde estes tenham um papel ativo e responsável na escola e na sociedade.

O professor de artes visuais, tem de estar atento a todos os componentes artísticos envolventes, necessitando de se atualizar constantemente, por isso as formações tem um papel relevante na preparação do ensino curricular, transmitindo conhecimentos em reciprocidade, pois estes estão em constantes mutações.

A educação artística, na minha perspetiva, deveria estar presente em todos os níveis de aprendizagem, pois ela está presente na nossa vida.

Hoje mais do que nunca, face ao mundo das tecnologias a arte é vista num

grande leque, sendo posicionada em várias direções.

A formação artística, dota o docente com uma maior bagagem de conhecimentos, para que este os possa transmitir ao aluno, sendo benéfica para este, facilitando-lhe uma melhor aprendizagem.

Os aspetos mais significativos neste trabalho estão relacionados com as aprendizagens realizadas no contexto escolar. Elas foram e são muito importantes para a organização do ensino-aprendizagem, através de elaboração de planificações que se revelaram fulcrais para a PES.

Ainda é de salientar a elaboração de exercícios, a par da elaboração de materiais didáticos adequados às diferentes estratégias de ensino -aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Argan, G. C. (1995). Teoria da Arte: Arte e Crítica de Arte. Lisboa. Editora: Estampa.
- Arnold, D. (2006). A história da Arte: Compreender. (Ana Tanque e Helena Serrano, Trad.). Lisboa. Edições quasi – revista Sábado, 1ª edição.
- Barnard, M. (2001). Approaches to Understanding Visual Culture. New York: Palgrave.
- Benjamin W. (2010). O legado e a "cultura da memória" Entrevista de Márcio Seligmann-Silva São Paulo: Revista Filosofia
- Berger, J. (1999) *Modos de Ver*. (Trad. Lucia Olinto). Rio de Janeiro: Rocco.
- Camões, L. Diário. (1997). Edição do conselho da revolução executada por Moraes editores.
- Charréu, L. (2003). A Cultura Visual e as Novas Perspectivas Críticas para a Educação Visual. Aprender.
- Cunha, Susana Rangel Vieira (2009). As imagens na Educação Infantil: Uma abordagem a partir da Cultura Visual. Florianópolis. In: Zero-a-seis, v. 1.
- Eisner, (E.W. 2004) El arte y la creación de la mente. Barcelona. Paidós.
- Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). Aprender a ensinar- ensinar a aprender. Porto. Edições Afrontamento 2ª Coleção Polígono.
- Fosnot C. (1900). Professores e Alunos Questionam-se. Editora Horizontes Pedagógicos.
- Foucault, M. (1979). Microfísica do poder. (Trad. Roberto Machado). 22ª ed. Rio de Janeiro. Edições Graal.
- Franco, J. E. (1999). Brotar educação. Lisboa: Roma editorialisboa.
- Franz, T. S. (2003). Educação para uma compreensão crítica da arte. Florianópolis. Editora: Letras Contemporâneas
- Gonçalves, F. (1990). História da Arte : Iconografia e Crítica. INCM. Coleção Arte e Artistas
- Joly, M. (1994). Introdução à Análise da Imagem. Lisboa. Ed.70.2007 —Digitalizado .Souza, R.
- Lyotard, J-F. (1989). *A Condição Pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Macedo, A. G. & Grossegeisse O. (2003). Re-presentações do Corpo | Re-presenting the Body. Universidade do Minho-Centro de Estudos Humanísticos - Coleção Hespérides/Literatura.
- Panofsky, E. (1972). *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance*. New York: Harper & Row.
- Pesavento, S. J. (2005). História e história cultural. Belo Horizonte: Autêntica.

Read, H. (1990). *A Filosofia da arte Moderna* (M. José Miranda trad.). Lisboa. Editora: Ulisseia

Ribeiro, R. & Leonoe, A. (2008). *O desenho dito*. Câmara Municipal de Almada.

Santos, A. S. (2008). *Mediações Arte Educacionais*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Sardelich, M. E. (2006). *Leitura de imagens: cultura visual e prática educativa*. São Paulo. Cad. Pesqui. vol. 36 no. 128 May/Aug.

Scott, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.2, n. 20, p. 71-99, 1995.

Viadel, R. M. (1998). "Classificaciones, tapas y modelos en la história de la Educación Artística", In Fernando Hernandez e Marta Ricart (comp) III. *Jornades d'história e l'educació artística*. (p. 23-37). Barcelona: Facultat de Belles arts.

Wolf, N. (1992). *O Mito da Beleza*. (Trad. Barcellos, W.). Brasil. Editora: Rocco

WEBGRAFIA

Acedido em Agosto, 13 de 2014

<http://amusicaportuguesa.blogs.sapo.pt/capitua-luas-1275366>

Acedido em Agosto, 7 de 2014

http://pt.scribd.com/raquel_parente

PDF-Reflexão do Departamento de Expressões Artísticas e Tecnológicas, p.31.

Acedido em Julho, 31 de 2014

http://www2.cm-evora.pt/guiaturistico/saiba_mais.htm,

<http://www.cm-evora.pt/pt/municipio>

Acedido em Fevereiro, 20 de 2014

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_visual

<http://pt.scribd.com/doc/233848496/Charreu-L-2010b-Cultura-Visual-e-transversabilidade-disciplinar>

Acedido em Novembro, 10 de 2014

<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/malestar/article/view/5>

Acedido em Janeiro, 15 de 2014

<http://www.slideshare.net/nfraga/curruculo-nacional-ensino-bsico>